

MUSEU DA VIDA/ CASA DE OSWALDO CRUZ / FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DA CIÊNCIA / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FUNDAÇÃO CECIERJ
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS
INSTITUTO DE PESQUISA JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DIVULGAÇÃO
E POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Mariana Aló Rodrigues Araujo da Silva

Atlas de Museus da cidade do Rio de Janeiro:
um modelo para se pensar novos estudos

Rio de Janeiro
outubro/2020

Mariana Aló Rodrigues Araujo da Silva

Atlas de Museus da cidade do Rio de Janeiro

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientador(a): Douglas Falcão Silva

Rio de Janeiro

Outubro/2020

Aló, Mariana Aló Rodrigues Araujo da Silva.

Atlas de Museus da cidade do Rio de Janeiro: um modelo para se pensar novos estudos / Mariana Aló Rodrigues Araujo da Silva Aló. -- Rio de Janeiro, 2020.

45 f.: il.: tab.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.

Orientador: Douglas Falcão Silva.

Bibliografia: f. 41-44

1. Divulgação Científica. 2. Atlas. 3. Geografia. 4. Museus. I. Título.

Mariana Aló Rodrigues Araujo da Silva

Atlas de Museus da cidade do Rio de Janeiro:

um modelo para se pensar novos estudos

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, do Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Divulgação e Popularização da Ciência.

Orientador(a): Douglas Falcão Silva

Aprovado em: ___/___/___.

Banca Examinadora

Sonia Maria Figueira Mano, Doutora em ciências, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

Sibele Cazelli, Doutora em Educação, Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

RESUMO

Aló, Mariana. **Atlas de Museus da cidade do Rio de Janeiro: um modelo para se pensar novos estudos.** 2020. 47f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida; Universidade Federal do Rio de Janeiro. Casa da Ciência; Fundação CECIERJ; Museu de Astronomia e Ciências Afins; Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2020.

A questão de acesso de público a museus é tema amplamente debatido na literatura de Museus, tanto na questão do uso de seu espaço interno, do impacto das exposições nos diferentes públicos até aos tipos de acesso e quem o acessa. Porém, ainda aparece uma lacuna a ser preenchida para as análises de acesso de públicos distintos e o impacto dos museus em certas localidades: a da análise do espaço. Foi, então, elaborado um modelo de atlas que oportunize questionamentos que levem em conta o fator espacial, criando material para futura referência de novas análises, novos atlas e novos questionamentos e resoluções. Dessa forma, foram elaborados 14 mapas, 7 gráficos e 4 tabelas a partir de dados obtidos na plataforma MuseusBr. Foi realizado filtro para museus com cadastro de museus e presentes no município do Rio de Janeiro, além de estarem abertos e terem feito o formulário de visitação do ano de 2017. Com exceção dos dados da plataforma MuseusBr, foram utilizados dados do Censo IBGE 2010 e da plataforma IPP/Data.Rio.

Palavras-chave: Divulgação científica. Atlas. Geografia. Museus.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS MUSEUS ESTUDADOS E PRINCIPAIS VIAS DE CIRCULAÇÃO DE PESSOAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	23
Mapa 2	MAPA DE CONCENTRAÇÃO DE MUSEUS	24
Mapa 3	MAPA DE ANAMORFOSE DA POPULAÇÃO RESIDENTE POR ÁREA DE PLANEJAMENTO (AP)	25
Mapa 4	MAPA DE ANAMORFOSE DE MUSEUS POR ÁREA DE PLANEJAMENTO (AP)	26
Mapa 5	MAPA DE ANAMORFOSE DE POPULAÇÃO RESIDENTE POR MUSEU DAS APS	27
Mapa 6	PORCENTAGEM DE POPULAÇÃO RESIDENTE COM ATÉ O ENSINO MÉDIO INCOMPLETO POR BAIRRO	28
Mapa 7	PORCENTAGEM DE POPULAÇÃO RESIDENTE A PARTIR DO ENSINO MÉDIO COMPLETO POR BAIRRO	29
Mapa 8	PORCENTAGEM DE POPULAÇÃO RESIDENTE ATÉ 1 SALÁRIO MÍNIMO PER CAPITA POR BAIRRO	30
Mapa 9	PORCENTAGEM DE POPULAÇÃO RESIDENTE A PARTIR DE 1 SALÁRIO MÍNIMO PER CAPITA POR BAIRRO	31
Mapa 10	LOCALIZAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO	32
Mapa 11, 12, 13 e 14	LINHA DO TEMPO DE ABERTURA DOS MUSEUS ESTUDADOS	33,34,35 E 36

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	GRÁFICO: DIAS ABERTOS	37
Imagem 2	GRÁFICO: ABRE FINAL DE SEMANA?	37
Imagem 3	GRÁFICO: A ENTRADA É PAGA?	38
Imagem 4	GRÁFICO: POSSUI BIBLIOTECA? ELA É ABERTA AO PÚBLICO?	38
Imagem 5	GRÁFICO: TIPO DE GESTÃO DO MUSEU	39

Imagem 6	GRÁFICO: TIPO DA ESFERA DO MUSEU	39
Imagem 7	GRÁFICO: ANO DE ABERTURA	40

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1	TABELA DE TEMPO DE ABERTURA DIÁRIO DOS MUSEUS	40
Tabela 2	TABELAS: MUSEUS COMUNITÁRIOS	40
Tabela 3	ATIVIDADES PARA A COMUNIDADE	41
Quadro 4	QUADRO COM NOME DOS MUSEUS ESTUDADOS	41 E 42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	METODOLOGIA	12
2.1	ELABORAÇÃO DOS GRÁFICOS	15
2.2	ELABORAÇÃO DOS MAPAS	18
2.3	ELABORAÇÃO DAS TABELAS	18
3	RESULTADOS	22
3.1	MAPAS	22
3.2	GRÁFICOS	37
3.3	TABELAS	40
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5	BIBLIOGRAFIA.....	44

1 INTRODUÇÃO

A questão de acesso de público a museus é tema amplamente debatido na literatura sobre museus, tanto na questão do uso de seu espaço interno, do impacto das exposições nos diferentes públicos até aos tipos de acesso e quem o acessa. Porém, ainda persiste uma lacuna a ser preenchida para as análises de acesso de públicos distintos e o impacto dos museus em certas localidades¹: a da análise do espaço.

Esse elemento, apesar de surgir em certos documentos do próprio governo, como o Guia de Museus Brasileiros (2011), ainda é tratado de forma superficial, com poucos questionamentos. O trabalho de Damasceno (2018) traz resultados e questões de muito valor sobre a relação dos museus e o direito à cidade, entretanto não apresenta nenhum esforço de representação imagética espacial. Se debruça sobre trabalhos do IPEA², principalmente, e no estudo Museus em Números do IBRAM (2011). Outro trabalho que apresenta algum esforço cartográfico é o estudo Museus e seus visitantes (KÖPTCKE; CAZELLI; LIMA, 2008), porém apenas em um dos tópicos discutidos, o de residência dos visitantes, foi elaborado mapas para auxiliar na análise.

Esse trabalho propõe, então, elaborar um modelo de atlas que oportunize questionamentos que levem em conta o fator espacial na questão de acesso de público a museus, criando material para futura referência de novas análises, novos atlas e novos questionamentos e resoluções.

Apesar de já encontrarmos trabalhos importantes e notícias³ que apontam para a questão da concentração dos museus nas regiões do Brasil, a elaboração do atlas busca aprofundar os estudos para a relação desses locais com a questão de renda da população do entorno, seu grau de instrução, a rede de transporte e a infraestrutura urbana do entorno imediato, além de outros fatores.

¹ Alguns trabalhos interessantes têm sido feitos nesse sentido sobre rotas de turismo e impactos dos museus na economia turística de certas cidades. Ver VALENTE, Luís Mendes de Freitas Tentúgal, 2015. In: <http://hdl.handle.net/10400.14/19416> . Ver também BERTI, Franciele; GEVERH, Daniel Luciano, 2017.

² Foram dois trabalhos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA): Sistema de Indicadores de Percepção Social: Trabalho e tempo livre (2012) e Sistema de Indicadores de Percepção Social: Cultura (2010).

³ Ver VELASCO, Clara; MELO, Quésia; MUNIZ, Tácita; MARTINS, Valéria, 2015; VIRGÍLIO, Paulo, 2011; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011; INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2011.

Isto porque permitiria levantar novas respostas ou novas questões sobre os aspectos de barreiras à visitação aos museus e centros de ciência (DODD; SANDELL; COLES; MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION, 1998) e a relação com diferentes tipos de públicos destes museus, principalmente aqueles entendidos como público de visitação estimulada (COIMBRA; CAZELLI; FALCÃO; VALENTE, 2012).

Um exemplo dessas indagações pode ser visto em Paula (2013, p. 14):

Apesar de haver no Brasil um cenário de crescimento no que diz respeito à criação de museus e centros de ciências, estes espaços ainda se distribuem de forma desigual pelas regiões do Brasil. Isto pode explicar a tradição de não ocupação dos museus e centros de ciências pela população e consequentemente, a baixa visitação a estes espaços.

A utilização de um mapa com essa temática poderia dar suporte na hipótese supracitada da autora, e juntamente com outros elementos poderia abrir um leque para contextos mais complexos de explicações, como o “sucesso” ou não de um museu estar atrelado ao vínculo que faz com sua comunidade do entorno para além de sua distribuição, além de dar suporte para tomada de decisões e políticas públicas. E isto porque variáveis múltiplas atravessam os estudos de público de museus e sobre o impacto gerado por este, como apresentado pelo CPIM (Coordenação de Pesquisa e Inovação Museal, p.3), 2012:

O estar na cidade e a proximidade de aparelhos culturais, como os museus, não promovem universalmente sua apropriação. Variáveis como nível de renda, escolarização, condições de moradia, gênero, capital cultural, situação geracional, entre outros, representam aspectos importantes para compreendermos as formas distintas de uso e apropriação dos espaços e práticas culturais.

Adiciono aqui variáveis relacionadas a acesso e à mobilidade na cidade (BARBOSA, 2016; VICENTE, 2011), nível de segurança das localidades em que os museus estão inseridos, assim como o horário de funcionamento (DAMASCENO, 2018). As variáveis citadas pelo estudo da CPIM podem e são espacializadas por diversos trabalhos⁴, não só dentro das áreas da geografia, como de estudos sociológicos, arquitetônicos e econômicos. É utilizada a lógica

⁴ PEIXOTO; AMARAL; SILVA, 2016 e PEIXOTO, 2017.

espacial, a compreensão de que há certo ordenamento espacial para elementos sociais e físicos e é possível analisá-los e questioná-los. Por isto o mapa vem para muito mais que representar afirmações, mas principalmente abrir caminho para novas análises e proposições.

A importância de analisar espacialmente estes fatores também está em consonância com a identificação do papel ou missão de um museu, como fala Köptcke:

os papéis sociais atribuídos aos museus são múltiplos, resultando de uma delicada tessitura de fatores relativos tanto à riqueza e tradição cultural acumuladas de um país ou região, quanto à situação econômica, educacional e política de cada grupo político e social onde se desenvolvem estas instituições. De forma que, falar do papel, da missão ou da função social do museu em geral não é possível. **É sempre um recorte com base em alguma experiência situada no espaço e no tempo**, atualizado pela noção de vocação, enquanto processo permanente e dialético da vida institucional (KÖPTCKE, 2012, p. 213. Grifo meu).

Isto porque “[o] espaço não é um mero dado da natureza. Isto é, o espaço não é algo “natural”, mas uma síntese de múltiplas determinações de ordem social e natural” (DAMASCENO, 2018, p. 153). Dessa forma, “[a] localização dos museus também não é algo natural. Sendo assim, a compreensão da disposição dos museus e espaços museológicos nas cidades é condição basilar para os estudos de público, [...]” (DAMASCENO, 2018, p. 154).

O interesse, então, em elaborar um atlas relacionado ao tema de museus transborda para além da minha formação como geógrafa. O atlas é uma ferramenta que auxilia e pode se tornar uma referência para futuras análises e pesquisas. Sendo o conjunto de dados de determinado assunto, é necessário para sua construção a sistematização dos dados e sua organização de forma a possibilitar a divulgação de informações de acordo com sua temática (MINISTÉRIO DA ECONOMIA/IBGE, [20??]). Logo, para atingir seus objetivos é construída uma metodologia própria (SILVA; SILVA, 2016). Assim, além de ser uma ferramenta de divulgação, com a sua construção, temos a possibilidade de levantar novos questionamentos, assim como pensar com os mapeamentos obtidos, iniciar análises e levantar possíveis resoluções para os questionamentos feitos.

A análise espacial do entorno no quais os museus e centro de ciências se

encontram possibilita uma nova camada na estruturação de propostas para a maior democratização dos museus. A plataforma MuseuBr⁵ ao georreferenciar os museus, traz a dimensão espacial para esta discussão, ainda que de forma incipiente. Mas, por conter dados abertos e primários dos museus, abre espaço para a construção de conhecimentos e análises a partir destes. Por isso, o estabelecimento de um modelo de atlas pode vir a estimular novos trabalhos nesse contexto.

⁵ “É o sistema nacional de identificação de museus e plataforma para mapeamento colaborativo, gestão e compartilhamento de informações sobre os museus brasileiros. A plataforma tem como princípios a utilização de *software* livre, a colaboração, a descentralização, o uso de dados abertos e a transparência. Ela tem como finalidade a disponibilização, por meio eletrônico, de informações atualizadas sobre os museus brasileiros, em toda sua diversidade, para a produção de conhecimentos sobre o setor de museus no Brasil. Dessa forma, integram a plataforma as informações provenientes do Cadastro Nacional de Museus – CNM e do Registro de Museus – RM, podendo ainda virem a fazer parte informações de outros instrumentos da Política Nacional de Museus existentes ou que venham a ser implementados pelo Ibram” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 201?)

2 METODOLOGIA

Na construção e elaboração das tabelas e mapas desta pesquisa, parâmetros foram considerados para a escolha de certos elementos a serem utilizados para a construção dos mapas, enquanto outros não.

No estudo de Damasceno (2018) sobre a relação de direito à cidade e o lugar dos museus, percebemos, assim como no estudo Museus e seus visitantes (KÖPTCKE; CAZELLI; LIMA, 2008), um foco no perfil do visitante de museus. Entretanto, com elementos que se repetiam, como a renda dos entrevistados, grau de instrução dos entrevistados, opinião sobre horário de visitação ou dias de abertura, e localização dos espaços estudados: no caso do Damasceno, em referência   moradia do entrevistado - se era considerado longe ou não; no caso do estudo Museus e seus visitantes, a distribuição dos visitantes pelas áreas de Planejamento⁶ do município do Rio. Tais elementos encontrados em estudos de públicos - tanto focados nos visitantes e potenciais visitantes ou não - se mostram como categorias sociais que apresentam certa ordem no espaço geográfico, e estão segregadas ou dispersas a partir de uma lógica de desenvolvimento (desigual) espacial. Elas estão relacionadas e por isso são importantes de serem consideradas em um processo de elaboração de mapas.

Um ponto melhor trabalhado por Damasceno (2008) foi sobre a limita o imposta pela infraestrutura urbana da cidade para os deslocamento e acessos aos museus/equipamentos culturais:

Portanto,   rigor, a discussão sobre o acesso aos equipamentos sociais – e neste caso específico aos museus – revela uma geopolítica da cultura, onde a localiza o geográfica dos museus e as moradias dos trabalhadores e da popula o pobre obedecem   lógica capitalista da produ o e apropria o social do espaço (DAMASCENO, 2018, p. 160).

A questão da renda também foi discutida como fator que limita a mobilidade urbana, tanto em Damasceno (2018), como em VICENTE (2011, p.147):

A mobilidade assume, então, papel importante como uma media o possível entre urbano e cidade ao mesmo tempo em que se configura numa ferramenta para a manuten o e promo o do direito   cidade, dado que   esta mobilidade que

⁶ As áreas de planejamento do município do Rio são recortes territoriais que levam em conta características históricas e socio-econ micas para planejamento e implementa o de políticas: O município do Rio possui 5 APs e dentro delas encontram-se as regiões administrativas, por fim dentro destas últimas temos os limites de bairros. ibge

permitirá o acesso às instituições, aos equipamentos e aos mercados que mantêm uma urbanidade e que compõem o sentido da vida urbana.

Isto posto, entretanto, tal como qualquer outro produto que seja capturado pelo circuito capitalista de produção e de reprodução e seja comprado e vendido, ela é também desequilibrada de acordo com o grupo social. O direito à cidade se torna, então, derivado da posição ocupada numa estrutura de classes e de rendas – que se apropriam do espaço e que (des)organizam-no diferentemente.

Ou seja, o capital econômico também possui influência nas práticas de mobilidade dos residentes de uma cidade, e daí que tanto a questão da renda, como a da estrutura de transportes e seu grau de desigualdade ou não, influenciam na possibilidade de acesso deles a instituições, no caso deste trabalho, consideramos as intuições museais. E o que é um estudo de acesso a museus se não for considerada a questão da mobilidade para seus visitantes ou não visitantes, ou das próprias características do espaço em que o museu está inserido para amenizar ou aumentar as desigualdades de mobilidade? Como aponta Barbosa (2011), “[quando] abordamos a questão da mobilidade, necessariamente precisamos inseri-la no contexto de poder - espacial -, em que as pessoas e as coisas se movem - e são movidas - entre e intralocalidades, lugares e territórios”.

Damasceno (2018) nos apresenta um ponto bastante interessante de ser analisado, sobre o percentual da gestão dos museus na cidade do Rio de Janeiro, enquanto o tipo de esfera e o nível de esfera. A cidade e o estado do Rio de Janeiro possuem maior porcentagem de museus públicos e gestados pela federação quando comparados a outros estados e municípios. Ele associa tal informação à questão da cidade ter sido capital do país até o ano de 1960, tendo em sua história a chegada da família portuguesa em 1808 (DAMASCENO, 2018). Infelizmente, não há um produto da espacialização desses dados, tanto os levantados pelo IBRAM quanto os obtidos pelo Museus RJ: um guia de memórias e afetividades (2013). Porém, ele aponta sobre a possibilidade de paralelismo no processo de urbanização da cidade com as disposições dos museus.

A partir principalmente da potencialidade no trabalho de Damasceno (2018) e do estudo Museus e seus visitantes (KÖPTCKE; CAZELLI; LIMA, 2008), elencaram-se categorias a serem espacializadas e definiu-se como ponto de

acesso para as informações principais dos museus a plataforma MuseusBr, inclusive pela informação de geolocalização que ela oferece. Buscou-se olhar para certas características do espaço do entorno dos museus, entretanto, também foram utilizados dados referentes aos próprios museus, como por exemplo se é museu comunitário ou não, e se possui biblioteca ou não.

O recorte de museus analisados no projeto são os cadastrados na plataforma MuseusBr e no cadastro de museus, pertencentes ao município do Rio de Janeiro. Em um primeiro momento, os dados buscados foram de localização dos museus, a que esfera estão relacionados (pública ou privada), a tipologia do museu, sua temática, se possui ingresso, horário de funcionamento, se possui identidade pai (entidade superiora que mantém o museu) etc. Outros dados que foram utilizados são do Censo 2010/IBGE e do IPP/Data.Rio.

Na obtenção dos dados dos museus com cadastro na plataforma MuseusBr foi seguido o manual disponibilizado pelo próprio ReNIM⁷ (Rede Nacional de Identificação de Museus) em seu site. Foi usado o filtro de museus com cadastro de museus e localização na cidade do Rio de Janeiro, com status de abertos. Desses, foi feito outro filtro dos que fizeram a pesquisa de visitação em 2017⁸, assim, no dia 13 de janeiro de 2020 às 12h47, foram obtidos os dados dos museus. Além desses filtros, foram retirados museus itinerantes e virtuais, o que no final nos possibilitou a análise geral de 44 museus.

O tabelamento e organização dos dados baixados da plataforma MuseusBr, do Censo 2010/IBGE, do IPP/Data.Rio⁹, foram realizados a partir do

⁷ “É um arranjo de governança pública colaborativa formado pelos órgãos responsáveis pelas políticas setoriais de museus. No âmbito nacional, atuam o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram e o Comitê Gestor do Sistema Brasileiro de Museus – SBM. E, no âmbito local, os Sistemas de Museus estaduais, distrital e municipais e demais órgãos públicos competentes” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2017).

⁸ A escolha pelo filtro de visitação em 2017 visa possibilitar novas pesquisas relacionando fluxo de visitas e as variáveis aqui levantadas, devido a limites técnicos de tempo disponível para o presente projeto os dados de público não foram usados. Ele foi o último formulário realizado que apresentou dentro da plataforma MuseusBr uma considerável participação dos museus da cidade, por isso foi então utilizado.

⁹ O Data.Rio é a plataforma digital desenvolvida pelo Instituto Pereira Passos para transparência, divulgação e desenvolvimento de informações estatísticas, mapas, estudos e pesquisas. Anteriormente, era conhecido como Armazém de Dados.

software Excel do pacote Office e georreferenciados a partir do SIG QGIS¹⁰. A organização dos dados nas tabelas seguiu alguns procedimentos para certas informações. As informações obtidas foram de: (i) coordenadas x; (ii) coordenadas y; (iii) nome do museu; (iv) quantos dias abertos; (v) se abre final de semana; (vi) média de horas abertos por dia; (vii) se é pago; (viii) valor do ingresso; (ix) se possui gratuidade; (x) se possui acessibilidade; (xi) se possui arquivo histórico; (xii) se o arquivo é público; (xiii) se possui biblioteca; (xiv) se a biblioteca é pública; (xv) se possui visitas guiadas; (xvi) se a gestão é pública ou privada; (xvii) nível da esfera da gestão; (xviii) ano de abertura; (xix) temática do museu; (xx) se possui plano museológico; (xxi) se é museu comunitário; (xxii) (xxiii) quantidade de bens culturais no acervo; (xxiv) capacidade do teatro/auditório caso possua; (xxv) se realiza atividades com a comunidade do entorno; (xxvi) se possui acervo próprio.

Não foram utilizados todos os dados organizados da tabela MuseusBr para a produção de gráficos e mapas. Outros dados organizados a partir do Censo IBGE 2010 foram de instrução e de renda (os dois tendo sido obtidos pelos dados de amostra).

Ainda foram levantadas as localidades das instituições de ensino superior públicas na cidade do Rio de Janeiro e a localização dos seus campi a partir de levantamento feito pelo sistema e-MEC com os dados das instituições de ensino superior credenciadas e com status ativo. Não foram contabilizadas as instituições superiores militares em que civis não são aceitos. Entretanto, este dado também está disponível no sistema e-MEC. Esse levantamento foi feito, uma vez que as universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica produzida no Brasil¹¹, pesquisa essa que alimenta museus e centros de cultura e ciências.

¹⁰ O QGIS é um Sistema de Informação Geográfica (SIG) de Código Aberto licenciado segundo a Licença Pública Geral GNU. É do tipo software. Sistemas de Informação Geográficas são procedimentos que possibilitam e facilitam a análise, gestão e representação espacial e dos fenômenos que ocorrem no espaço.

¹¹ Ver ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS (2019).

2.1 ELABORAÇÃO DOS GRÁFICOS

A elaboração de gráficos foi feita a partir da seguinte construção:

Gráfico 1: Da quantidade de dias que os museus estudados ficam abertos, foram contabilizado os dias de funcionamento, independente de abrir só meio período ou duas horas ou 12 horas.

Gráfico 2: Se o museu abre ou não final de semana, representa a contagem dos museus que apresentaram funcionamento pelo menos um dia do final de semana. Independente do horário de funcionamento nesse(s) dia(s).

A partir destes dois gráficos, tem-se uma percepção sobre para quem os museus funcionam. A abertura restrita a horário comercial acaba por impossibilitar trabalhadores de frequentarem os espaços do museu, um horário curto de abertura também. Compreender, portanto, os fluxos de trabalhadores, podem trazer informações sobre uma barreira de visitação atrelada às classes sociais, seus tempos de lazer e trabalho. As informações contidas neste gráfico não se encontram espacializadas. E nem estão identificadas no gráfico por instituição. Muitas instituições não disponibilizaram esse dado na plataforma MuseusBr.

Pelo mapa de localização (Mapa 1) e tabela de nomes das instituições (Tabela 4), percebe-se um número considerável de museus de departamentos de institutos universitários dentre os museus estudados. Esses museus, por exemplo, possuem horário restrito de visitação, como no caso dos Museus da COPPE e da Geodiversidade. Horários atrelados ao funcionamento da universidade durante dias de semana. Soma-se a sua localização em área com caráter excludente (uma ilha, uma cidade universitária), a característica de funcionamento da instituição a que esses museus estão atrelados.

Gráfico 3: Se a entrada é paga ou não, representa a contagem dos museus que informaram cobrar ingresso ou não.

O pagamento de ingresso pode ser entendido como uma barreira clara no acesso de grupos com baixa renda aos museus, entretanto, quando estes em sua maioria são gratuitos (ressaltando o grande número de museus públicos no Rio de Janeiro) outras explicações são necessárias para o “sucesso” ou não de

um museu. Elementos como a estrutura do entorno do museu (como existência de comércios), a percepção de violência do bairro em que se localiza, a facilidade de locomoção são fatores que podem impulsionar maior movimentação em museus pagos sobre museus gratuitos. Fatores como exposição midiática e patrocínios privados ou relação a instituições privadas também não podem ser esquecidos.

Gráfico 4: Se o museu possui biblioteca e se, caso possua, essa biblioteca é aberta ao pública foi construído a partir da contabilidade dos museus que informaram ter essa infraestrutura pela plataforma MuseusBr.

Quando o museu oferece mais que suas exposições, mas também serviços para a comunidade, novas relações são criadas com os visitantes? Na construção desse gráfico, buscou-se sinalizar essa faceta dos museus como instituições que também espraiam serviços que de forma geral tendem a se concentrar nas regiões centrais da cidade. Como são as visitas para esses serviços? É de público especializado, variado?

Gráfico 5: Do tipo da gestão do museu, contabilizou os museus que se declaravam públicos e dos que se declaravam privados pelos dados obtidos na plataforma MuseusBr.

Gráfico 6: Dos tipos das esferas do museu, traz mais detalhes sobre a gestão dos museus, apresentando o quantitativo de museus distribuído pelas esferas federal, estadual, municipal, particular, religiosa, associação e outra (que não foi determinada), além de uma não informada.

A construção dos gráficos relacionados às esferas de gestão e a seu nível de gestão trazem elementos sobre a marcante presença estatal nos museus do Rio de Janeiro, principalmente de nível federal. A possibilidade de espacialização dessas informações poderia trazer dados sobre se de fato é o poder estatal o principal responsável direto pela descentralização dos museus, ou se outros movimentos, como por exemplo dos museus de territórios e museus comunitários, têm crescido como agentes do espraiamento; ou até mesmo da pressão de agentes sociais como empresas privadas, agentes imobiliários, indústria do turismo.

Gráfico 7: Do ano de abertura dos museus, criou-se 4 classes temporais: antes de 1960, entre 1961 e 1980, de 1981 até 2000 e de 2000 até 2020. Essas classes foram pensadas a partir da mudança da capital do Brasil para Brasília em 1960, da criação de um ministério próprio da cultura no governo Sarney em 1985, e a partir da década de 2000, das mudanças sociais que ocorriam pelo país, com a ascensão de grande parcela da população entre as classes sociais, como por exemplo o aumento da classe média (SCALON; SALATA, 2012). Além disso, esse último período ainda dá conta dos mega eventos que ocorreram na cidade. Com as classes delimitadas, foi feita a contabilização da abertura dos museus dentro desses períodos.

A construção desse gráfico foi feita com o propósito de comparação entre o dado lido a partir de um gráfico e os dados apresentados nos mapas de linha do tempo de ano de abertura (Mapas 11, 12, 13 e 14). Para que se possa ter um contraste sobre as diferentes possibilidades de questões que surgem das duas representações de informação.

2.2 ELABORAÇÃO DAS TABELAS

Por motivos operacionais, foram criadas algumas tabelas para explanação de algumas informações obtidas. As tabelas (1, 2 e 3) se referem respectivamente ao tempo de abertura médio dos museus (apresentando os dados de média, mediana, moda e desvio padrão apresentado), se é um museu comunitário e se oferece atividades com a comunidade do entorno. A tabela 4 apresenta os nomes dos museus utilizados neste trabalho.

As tabelas foram construídas para complementar as informações dos gráficos e mapas. Em algumas categorias, as informações estavam escassas, o que criaria distorções grandes em representações espaciais de tipo quantitativo ou até mesmo qualitativo, bem como na construção de gráficos. Optou-se então por trazê-las em formas de tabela. O relacionamento de diferentes tipos de representação de informação é benéfico.

2.3 ELABORAÇÃO DOS MAPAS

Para o georreferenciamento dos dados dos museus e produção dos mapas 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13 e 14.

Os mapas estão com escala gráfica, o que permite sua ampliação ou diminuição sem que se perca a informação de distância entre pontos nos mapas. Foram selecionadas informações que possibilitassem uma introdução aos museus estudados neste trabalho e apresentando alguns aspectos gerais das localizações deles na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente, os mapas acabaram por focar em elementos da área em que se encontram (nível de instrução e nível de renda, localização de instituição superior de ensino); por último, uma característica vinculada ao museu e não diretamente ao seu espaço de entorno pode ser espacializada, a de ano de abertura.

Os mapas apresentados buscam destacar o fato dos estudos de museus não só olharem para os seus visitantes ou espaços internos, mas também para os locais nos quais se encontram e quais são suas dinâmicas e o impacto dessas dinâmicas no acesso aos espaços museais. Para tanto, foram utilizados os seguintes procedimentos:

Mapa 01: O mapa 01, de localização dos museus, foi construído a partir dos pontos de coordenadas presentes na base dos Museus.br para cada instituição e da base IPP/Data.Rio, usando os *shapefiles*¹² de bairros e cobertura vegetal. As principais linhas de transporte público também foram do IPP/Data.Rio. Com isso, os mapas foram georreferenciados no *shapefile* de bairros e cobertura vegetal, com a posterior adição das principais linhas de transporte público da cidade: Linhas de metrô, de trem, VLT e BRT.

Mapa 02: O mapa 02, mapa de calor da presença dos museus na cidade, foi elaborado a partir de uma extensão do QGIS. Essa extensão faz o cálculo de concentração dos pontos dos museus pela cidade, criando assim a simbologia de áreas “quentes” e áreas menos “quentes” pela leitura de um gradiente de calor (apresentado na legenda).

¹² Formato de arquivo contendo dados georreferenciados utilizado pelos SIGs.

Mapa 03: O mapa 03 é na realidade uma anamorfose, uma técnica de representação de informações utilizando a ideia de proporcionalidade. Na anamorfose apresentada no atlas, foi utilizado o *shapefile* do IPP/Data.Rio de Áreas de Planejamento (AP) e contabilizou-se o número de população residente por AP; desta forma foi possível efetuar o cálculo de proporcionalidade de população residente pelas áreas das AP, criando as deformações de área intencionais do mapa.

Mapa 04: No mapa 04, um dos mapas de anamorfose apresentada no atlas, foi utilizado o *shapefile* do IPP/Data.Rio de Áreas de Planejamento (AP) e contabilizou-se o número de museus por AP; desta forma foi possível efetuar o cálculo de proporcionalidade de números de museus pelas áreas das AP, criando as deformações de área intencionais do mapa

Mapa 05: No mapa 05, um dos mapas de anamorfose apresentada no atlas, foi utilizado o *shapefile* do IPP/Data.Rio de Áreas de Planejamento (AP). Contabilizou-se o número de museus por AP, assim como o número de residentes por Área de Planejamento; desta forma foi possível efetuar o cálculo de proporcionalidade de números de residentes da AP pelo número de Museus da AP em proporção às outras APs da cidade, criando as deformações de área intencionais do mapa

Mapa 06 e 07: Os mapas 06 e 07, mapas de instrução, também utilizaram dados do Censo IBGE 2010 sobre a instrução pelas amostras de domicílio. Houve tratamento de dados para condensar as faixas de instrução em duas: até ensino médio incompleto e a partir de ensino médio completo. Foi utilizado o *shapefile* de bairros do IPP/Data.Rio, em que os dados de setores censitários do Censo IBGE 2010 foram utilizados para a construção dos dados dos bairros do município do Rio de Janeiro.

Mapa 08 e 09: Os mapas 08 e 09, mapas de renda, utilizaram os dados do Censo IBGE de 2010 por amostra de domicílio sobre a renda per capita. Houve tratamento de dados para excluir a categoria “não se aplica”. As faixas de renda presentes nos dados do IBGE foram então condensadas de forma a categorizá-las em duas faixas principais de renda per-capita: Até um salário mínimo per capita e acima de um salário mínimo per capita. Para a categorização nessas duas faixas foi utilizado o salário mínimo atual (Julho, 2020). As rendas obtidas

no censo 2010 não vêm classificadas por salário mínimo, por isso essa nova categorização foi realizada para melhor visualização da distribuição de renda. Também foi utilizado o *shapefile* de bairros do IPP/Data.Rio, em que os dados de setores censitários foram utilizados para a construção dos dados dos bairros do município do Rio de Janeiro.

Mapa 10: O mapa 10, mapa de localização das instituições pública de ensino superior no Rio, utilizou o mesmo *shapefile* IPP/Data.Rio do Mapa 01, de bairro e cobertura vegetal da cidade do Rio de Janeiro, e então foram referenciadas as instituições superiores obtidas pelo site do e-MEC.

Mapa 11, 12, 13 e 14: Os mapas de 11 a 14 foram construídos sob uma mesma metodologia, a diferença foi de quais dados foram georeferenciados. Utilizando o *shapefile* de bairros do IPP/Data.Rio, localizamos e classificamos os museus pelo seu ano de abertura. As classificações foram até 1960 (abarca o período o Rio de Janeiro foi capital do país); até 1980 (período pré surgimento do ministério da cultura no governo Sarney); até anos 2000 (20 anos aproximadamente de ministério da cultura e marco sócio econômico importante para a diminuição das desigualdades econômicas e educacionais no país); Até hoje em dia (que abrangendo desde os anos 2000, atravessa os mega eventos que ocorreram na cidade e a segunda onda “Pereira” Paes de transformação urbana do Rio de Janeiro; além das transformações socioeconômicas e educacionais vividas pelo país nesse período). Com as classificações feitas, cada mapa representa uma classe com a adição do período seguinte. Uma *timelapse* desses mapas foi feito [aqui](#). A evolução de construção de museus ao longo dos períodos pelo link disponibilizado possibilita uma visibilidade melhor dessa linha do tempo.

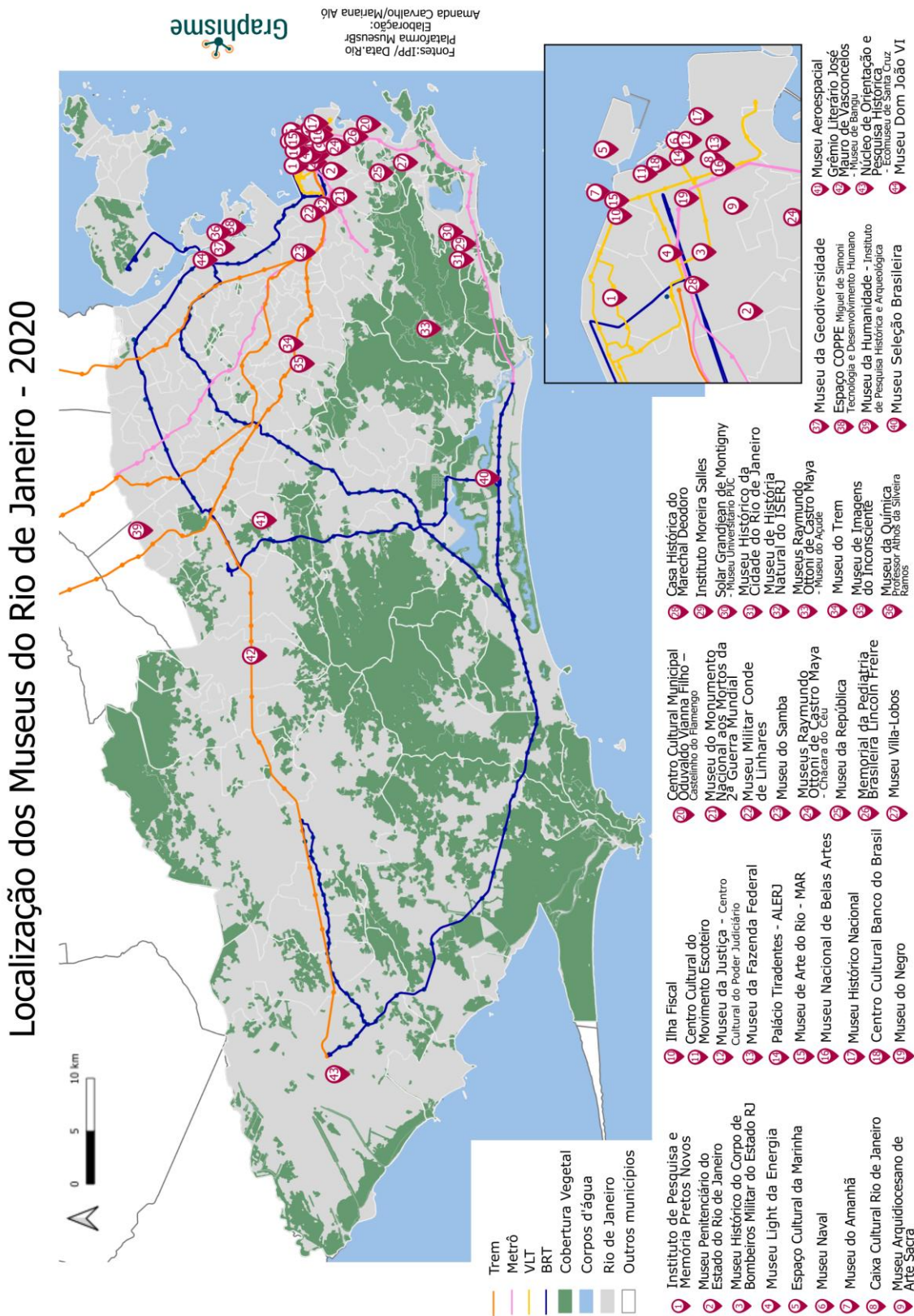
A tabela original obtida na plataforma MuseusBr e a tabela trabalhada podem ser encontradas [aqui](#) e [aqui](#) respectivamente.

3 RESULTADOS

O resultado do trabalho desenvolvido é em si o modelo de atlas construído. Dentro do tempo disponível para trabalho e de dificuldades globalizadas, foi possível a construção de 14 mapas. Além dos mapas foi possível a construção de 7 gráficos e 4 tabelas pelo trabalho realizado a partir da tabela obtida na plataforma MuseusBr.

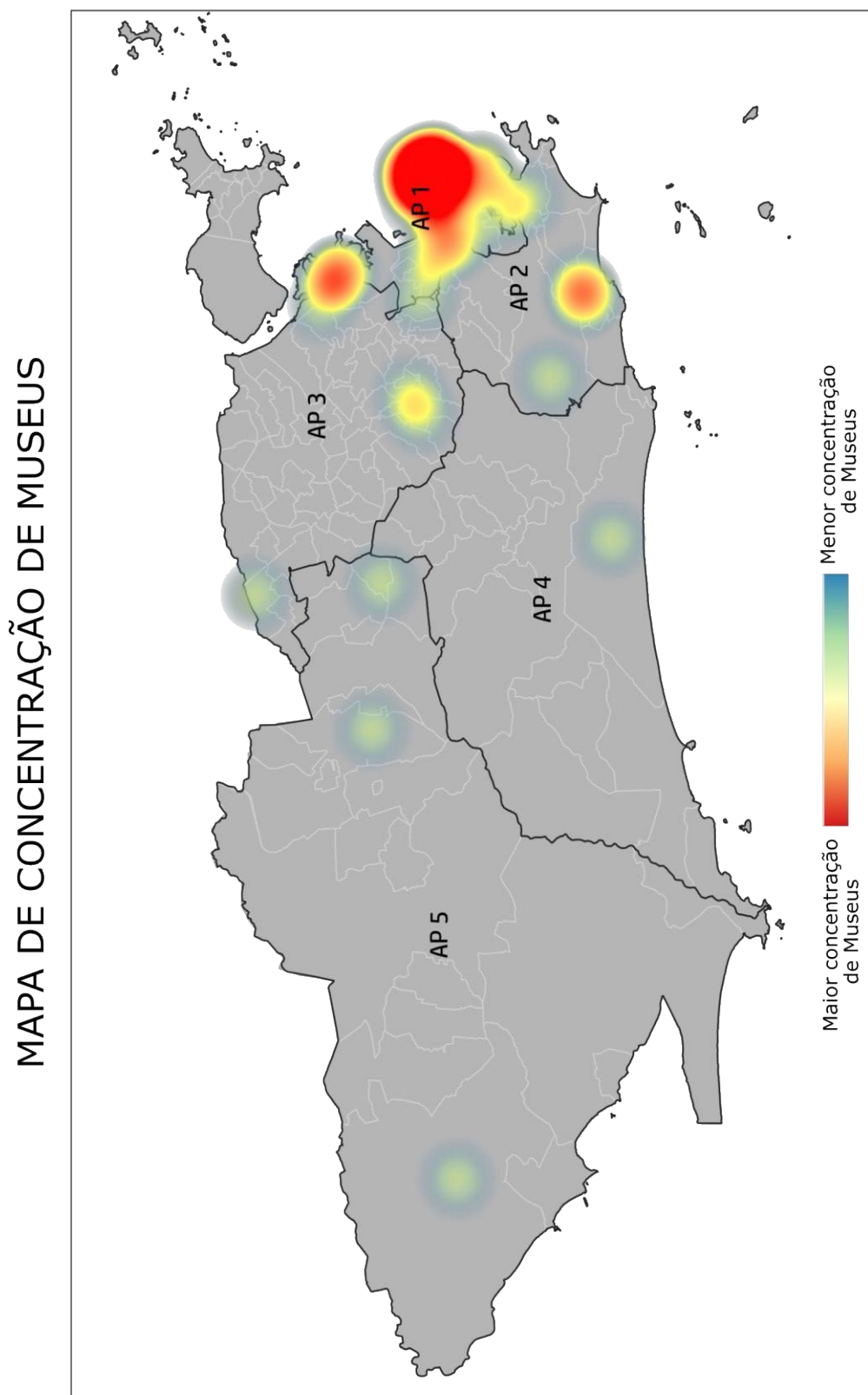
3.1 MAPAS

Mapa 1 - Localização dos Museus na cidade do Rio de Janeiro



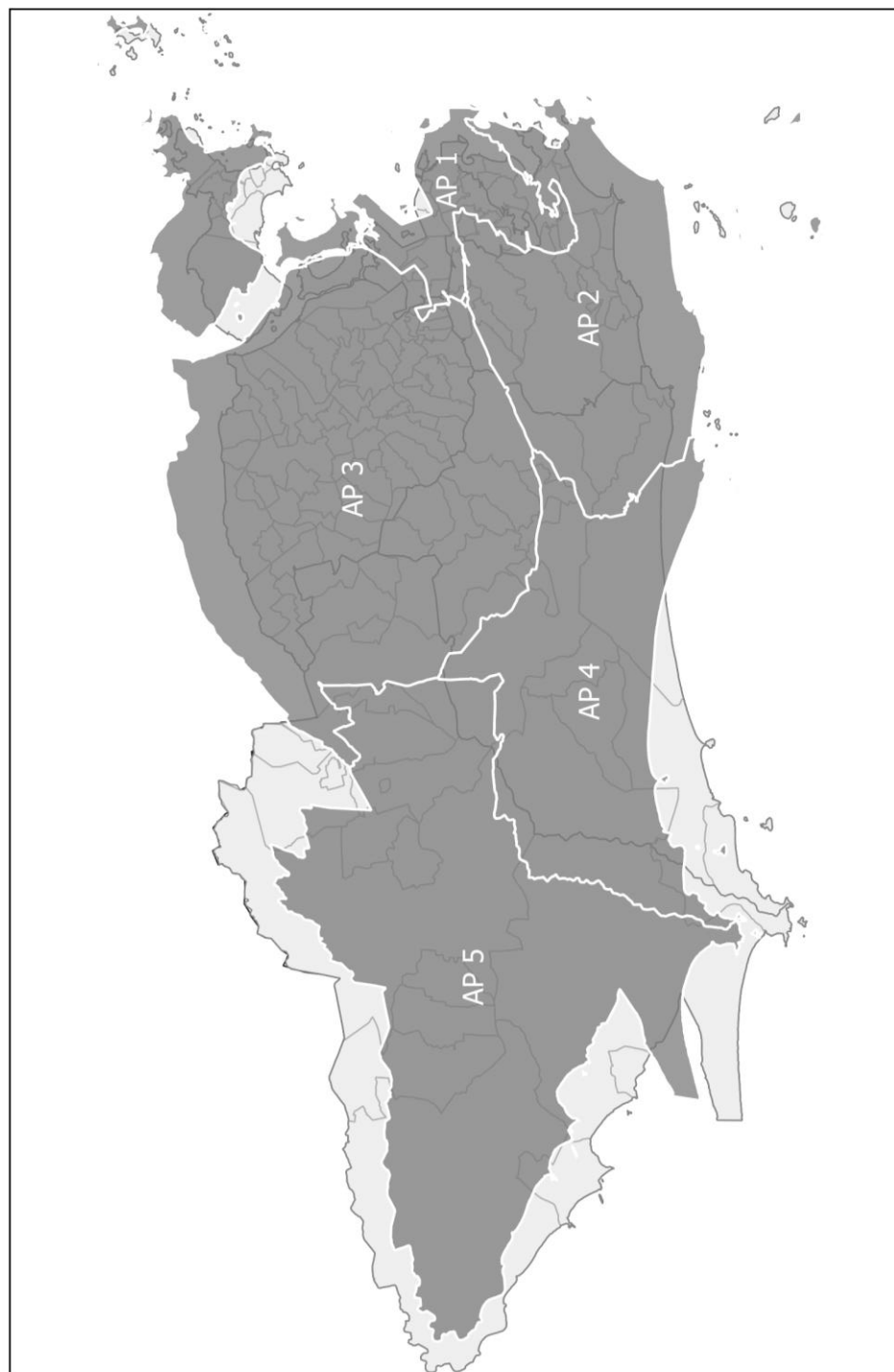
Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Mapa 2 – Concentração dos Museus na cidade



Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Mapa 3 - Anamorfose da população residente por Área de Planejamento

Mapa de Anamorfose
(População Residente x Áreas de Planejamento)

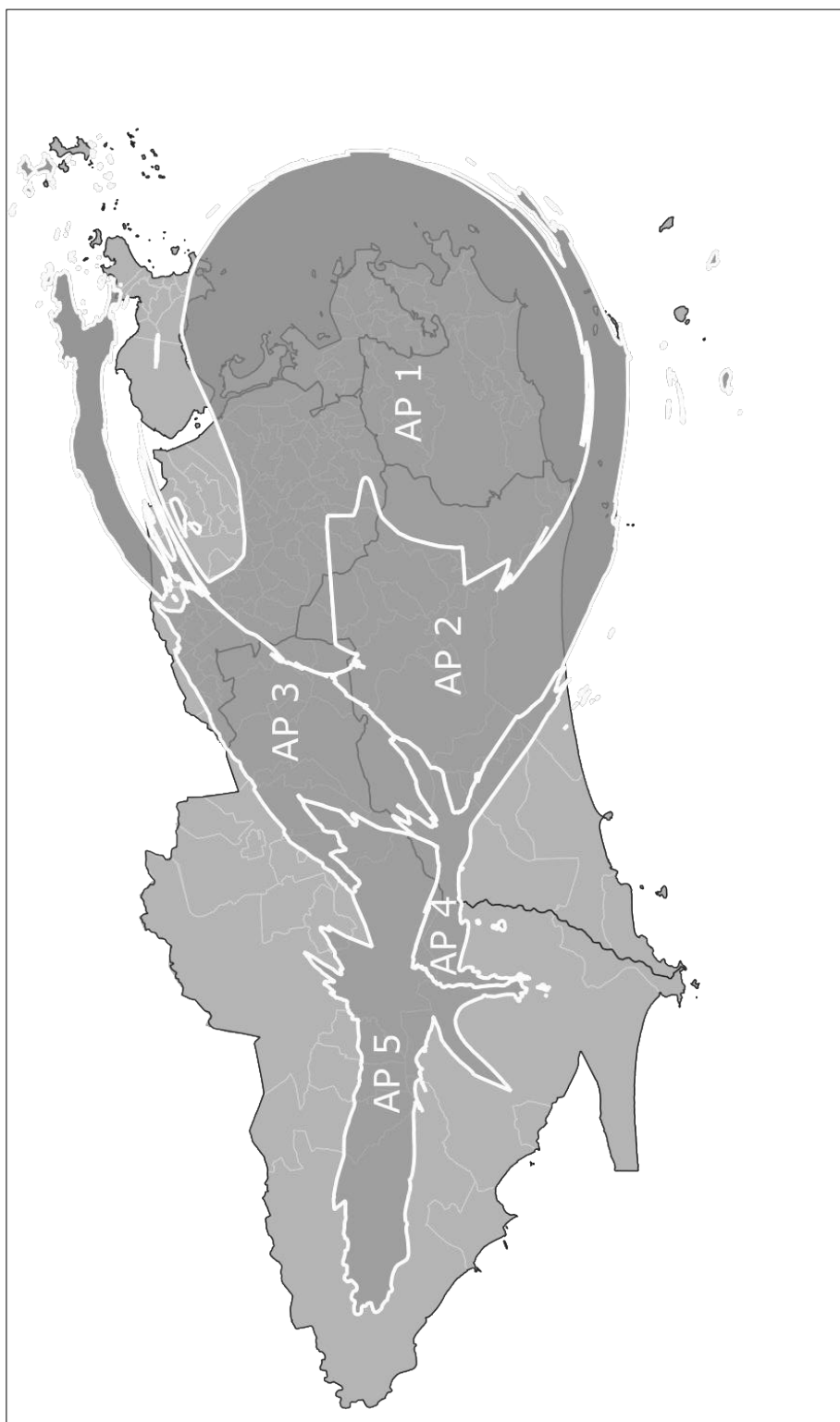
Graphisme

Fontes: IPP/ Data Rio
Plataforma MuseuSB
Elaboração:
Amanda Carvalho/Mariana Aió

Organização e construção metodológica própria; Elaboração por Graphisme Soluções.

Mapa 4 - Mapa de anamorfose de museus por área das APs

Mapa de Anamorfose
(Museus x Areas de Planejamento)



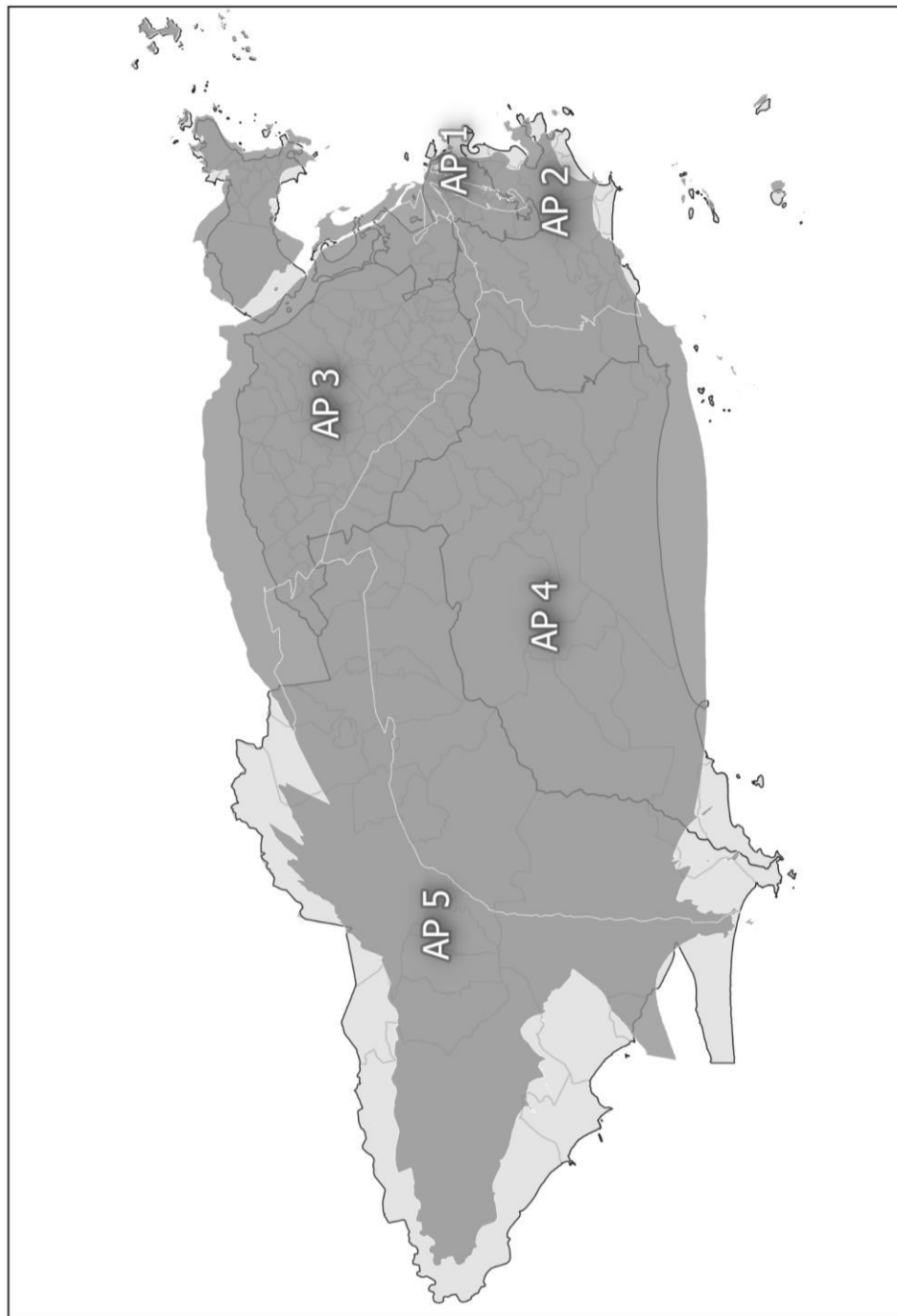
Graphisme

Fontes: IPP/ Data.Rio
Plataforma MuseusBr
Elaboração:
Amanda Carvalho/Mariana AÍó

Organização e construção metodológica própria; Elaboração por Graphisme Soluções.

Mapa 5 – Mapa de anamorfose de população da AP por museu da AP

Mapa de Anamorfose (População da Areas de Planejamento /Museus)

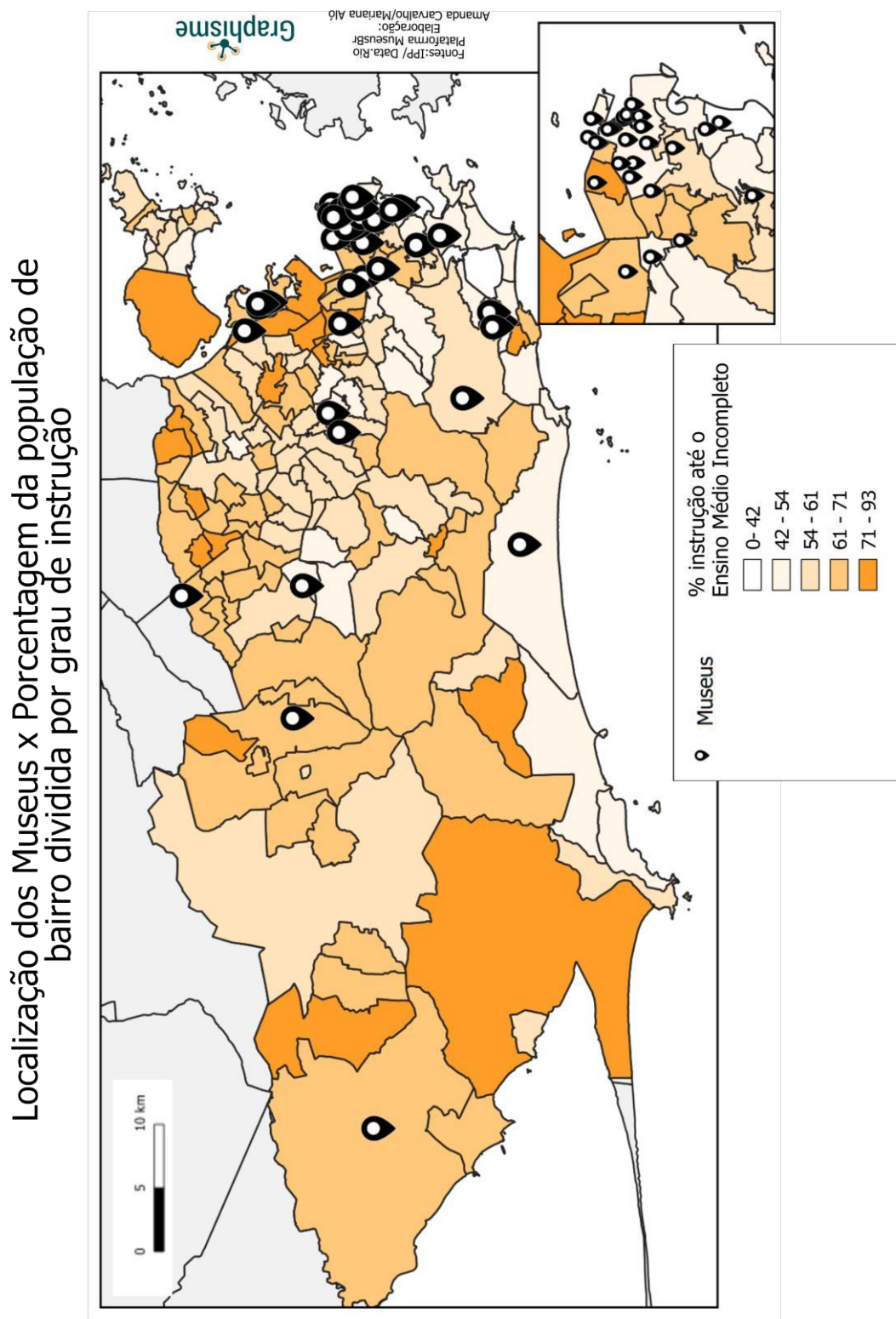


Graphisme

Fontes:IPP/ Data.Rio
Elaboração:
Amanda Carvalho/Mariana Aió

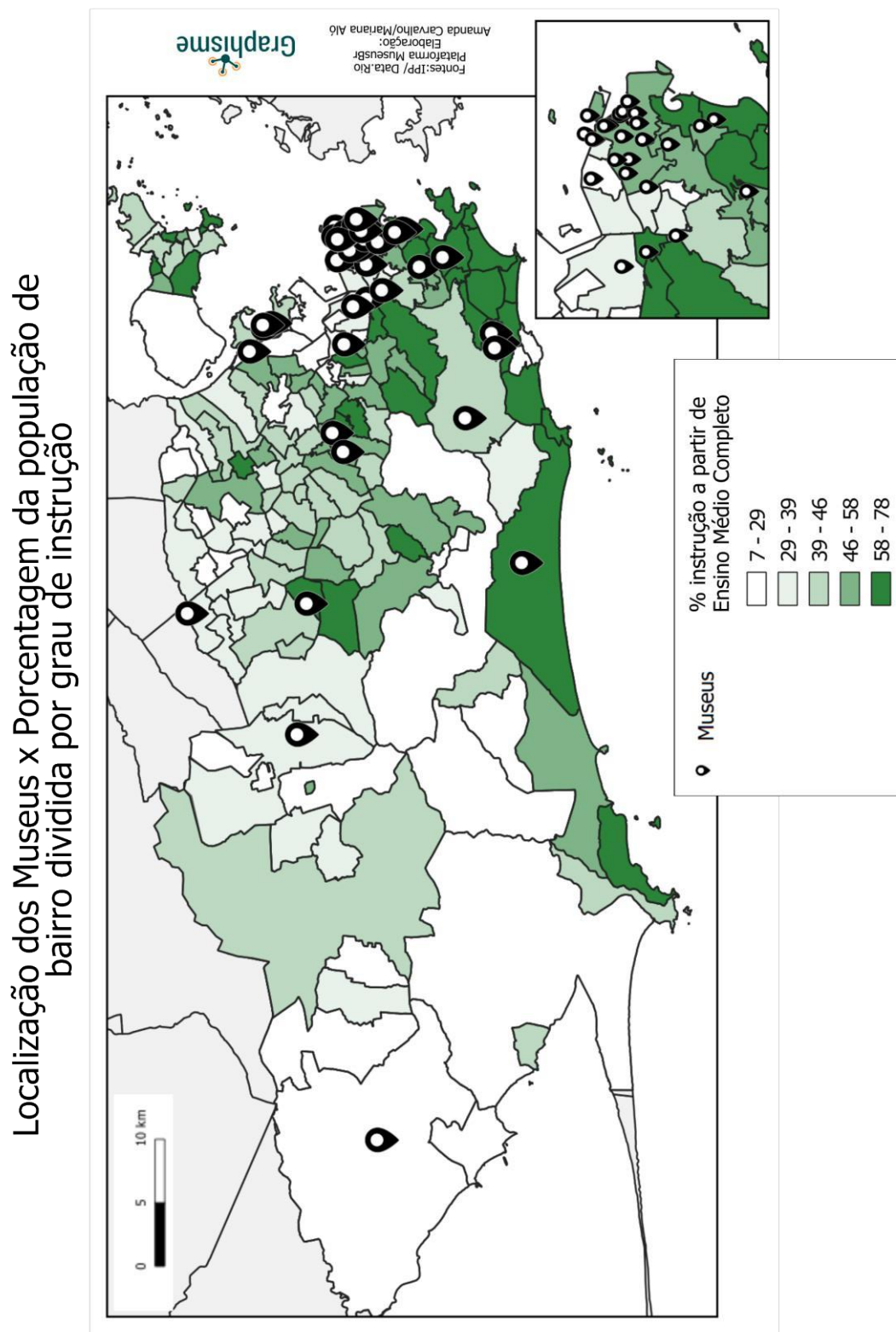
Organização e construção metodológica própria; Elaboração por Graphisme Soluções.

Mapa 6 - Porcentagem de população residente com até o ensino médio incompleto por bairro



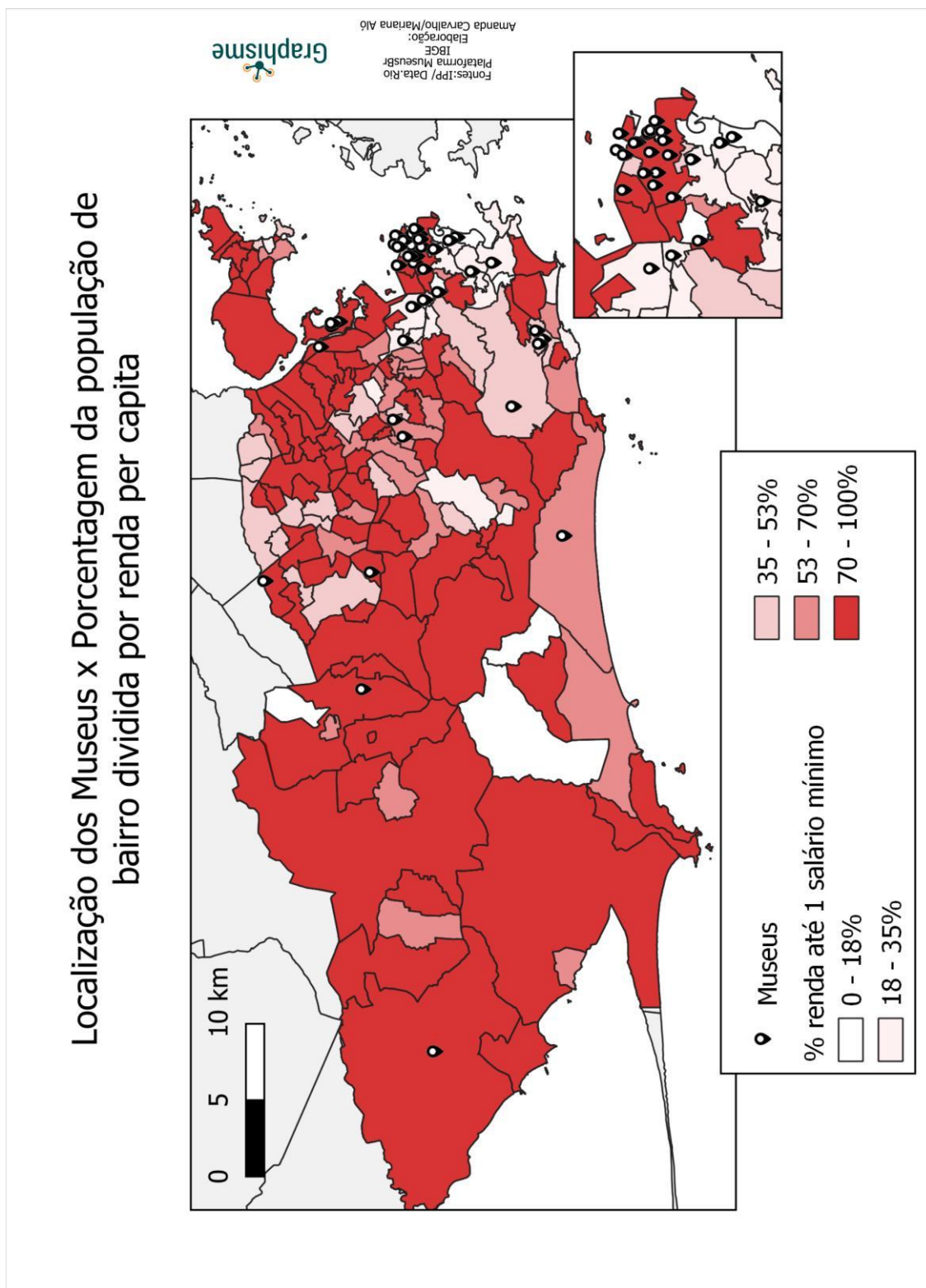
Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Mapas 7 - Porcentagem de população residente a partir do ensino médio completo por bairro



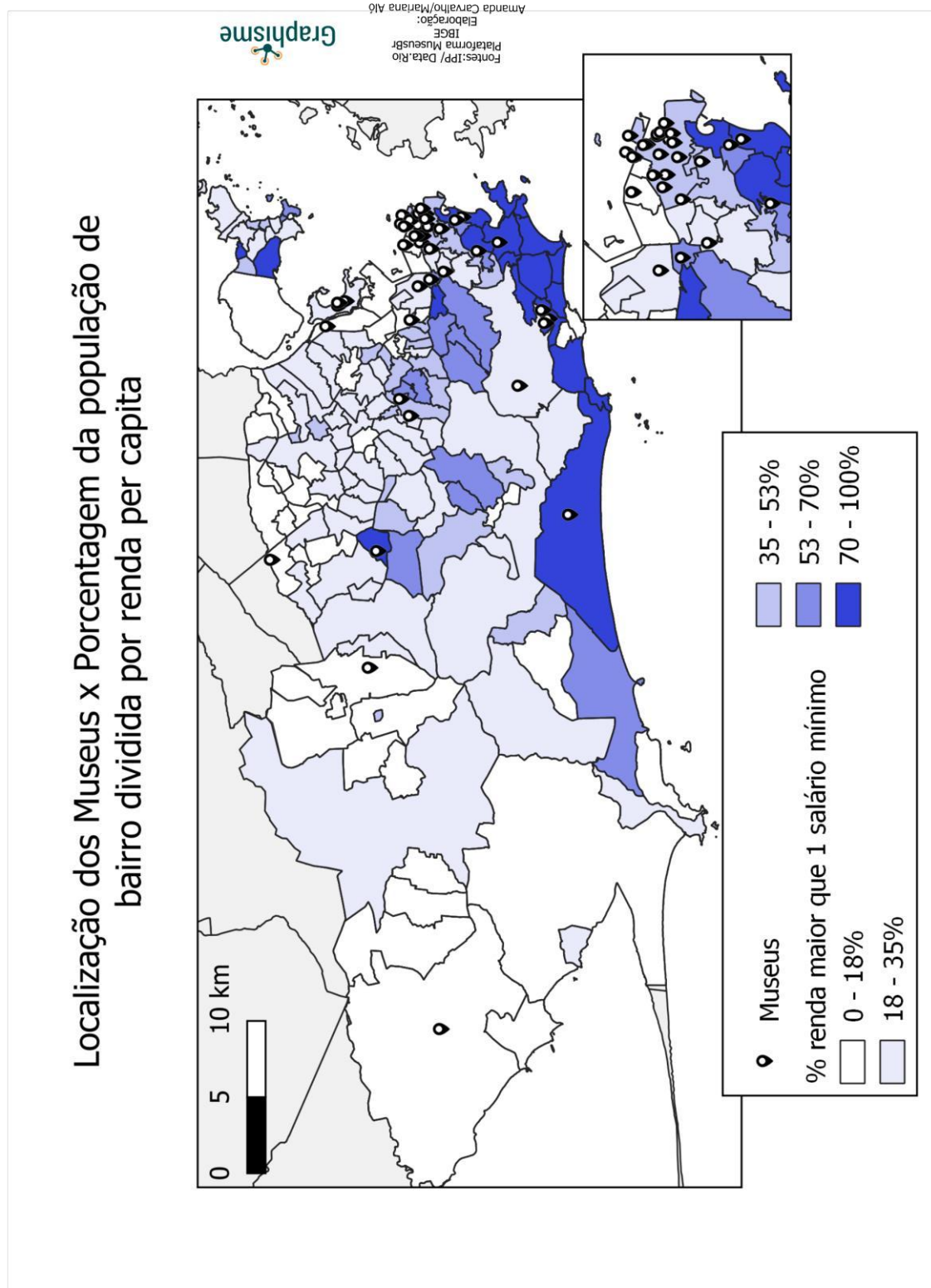
Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Mapa 8 - Porcentagem de população residente até 1 salário mínimo per capita por bairro



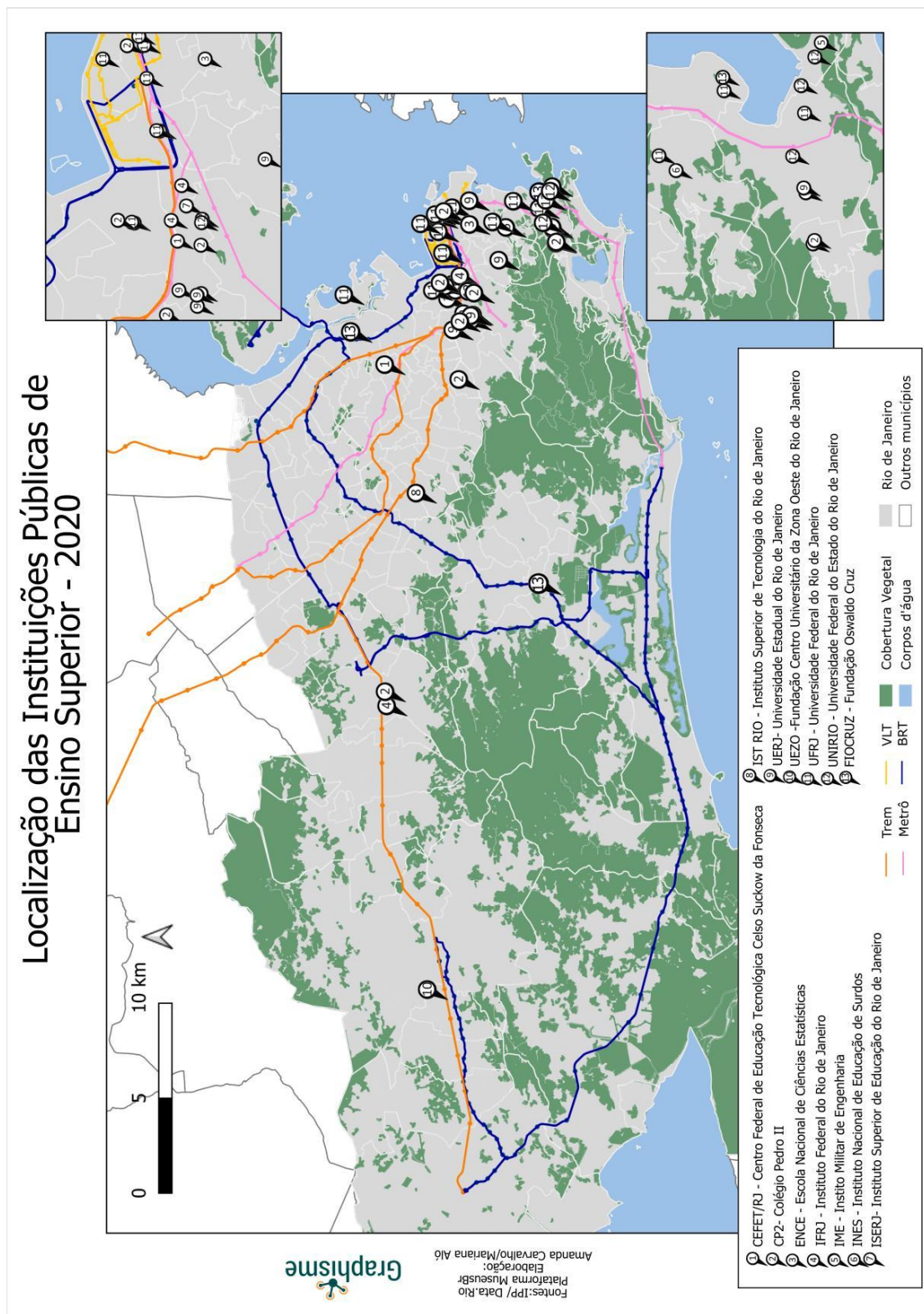
Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Mapa 9 - Porcentagem de população residente a partir de 1 salário mínimo per capita por bairro



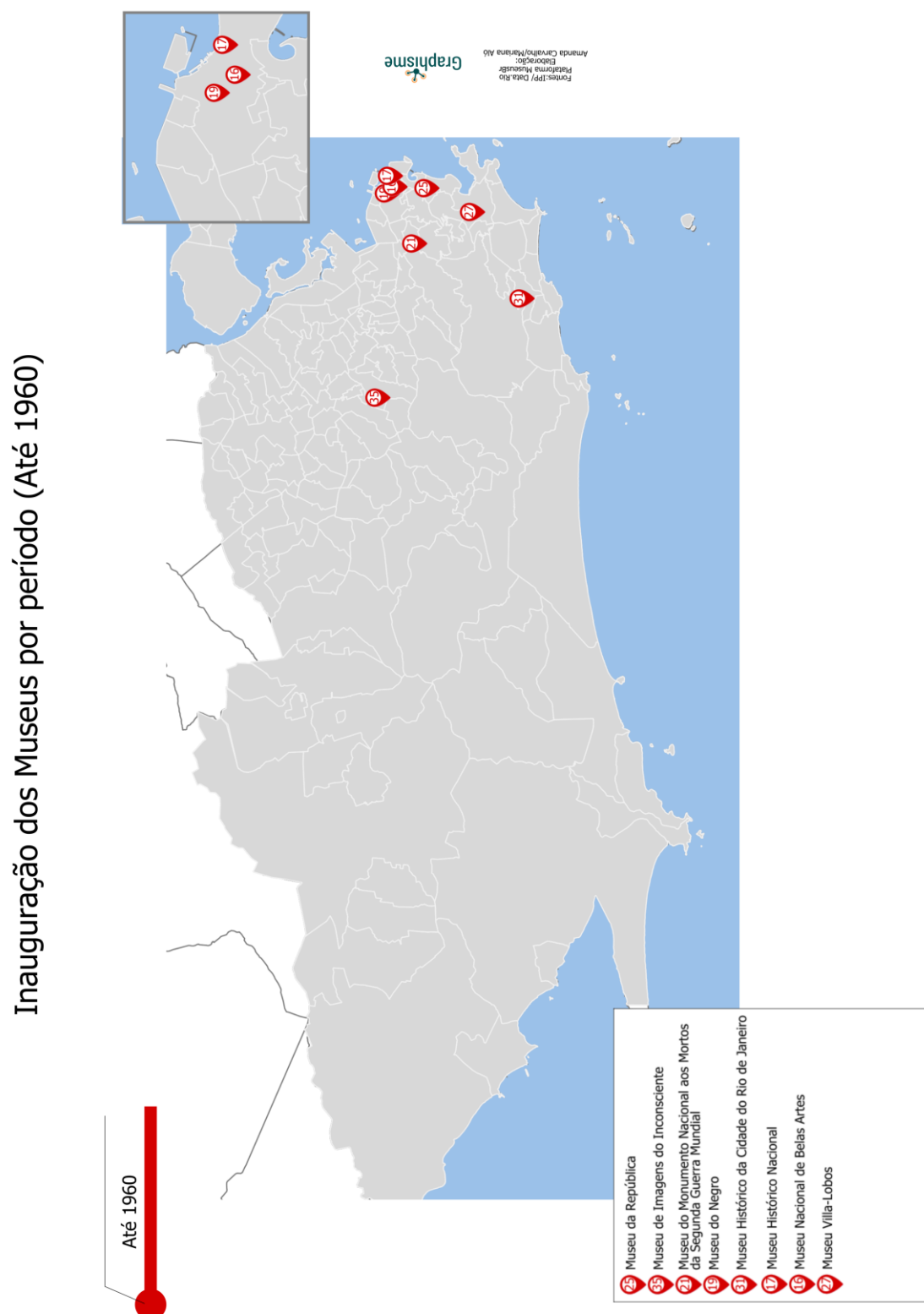
Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Mapa 10 - Localização das instituições públicas de ensino superior na cidade do Rio de Janeiro



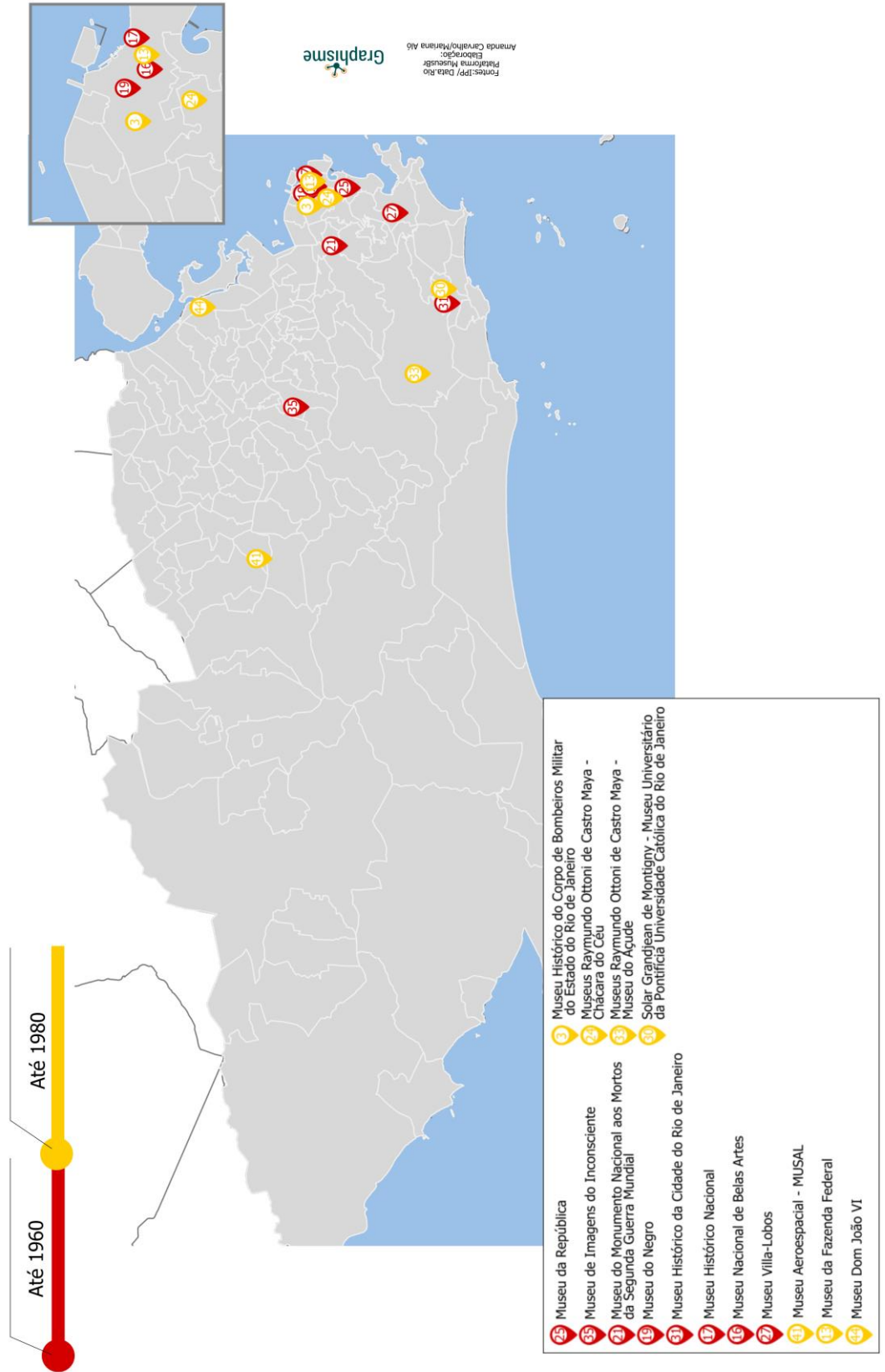
Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Mapas 11, 12, 13, 14 - Linha do tempo de abertura dos museus estudados



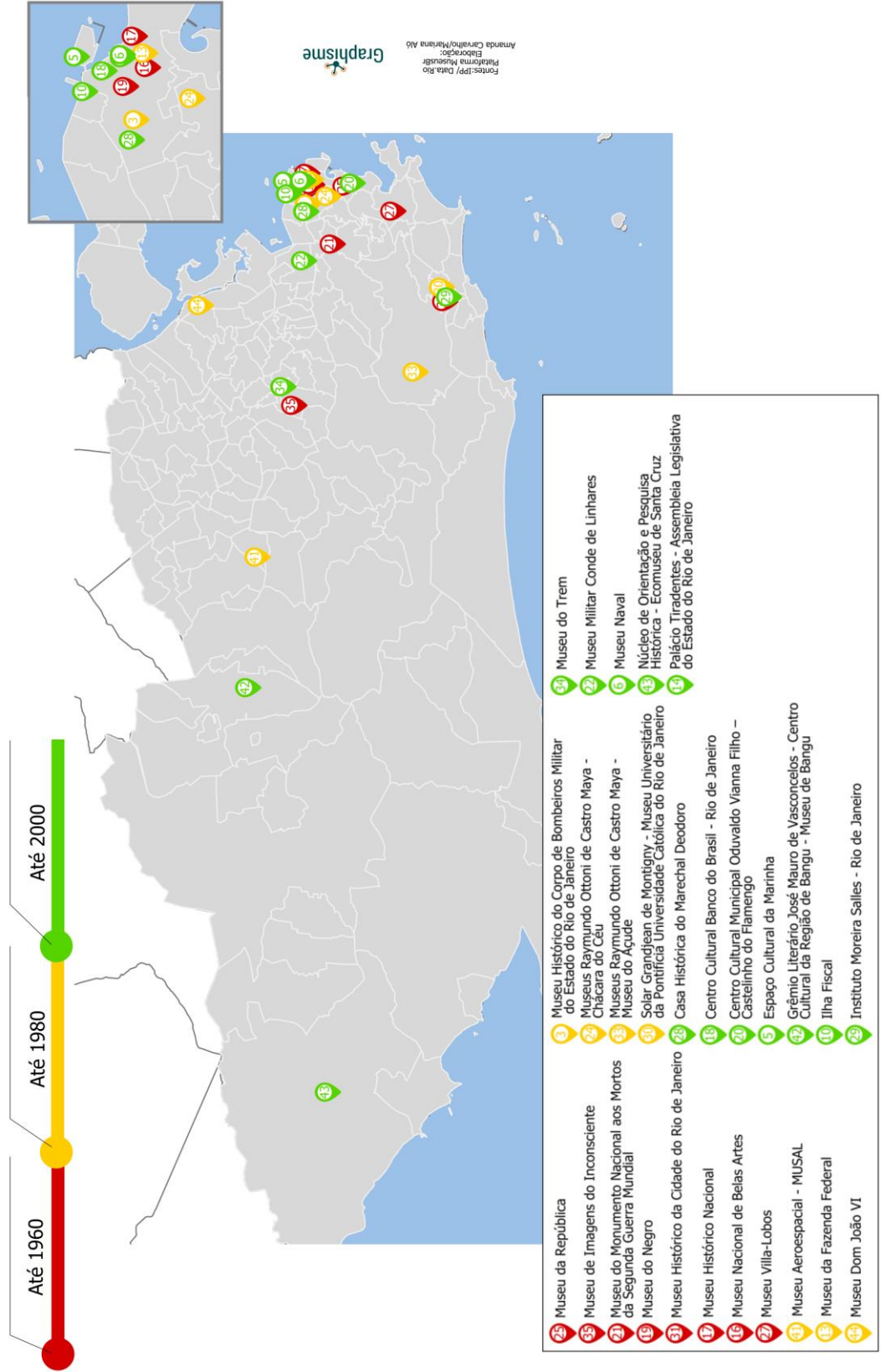
Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Inauguração dos Museus por período (Até 1980)



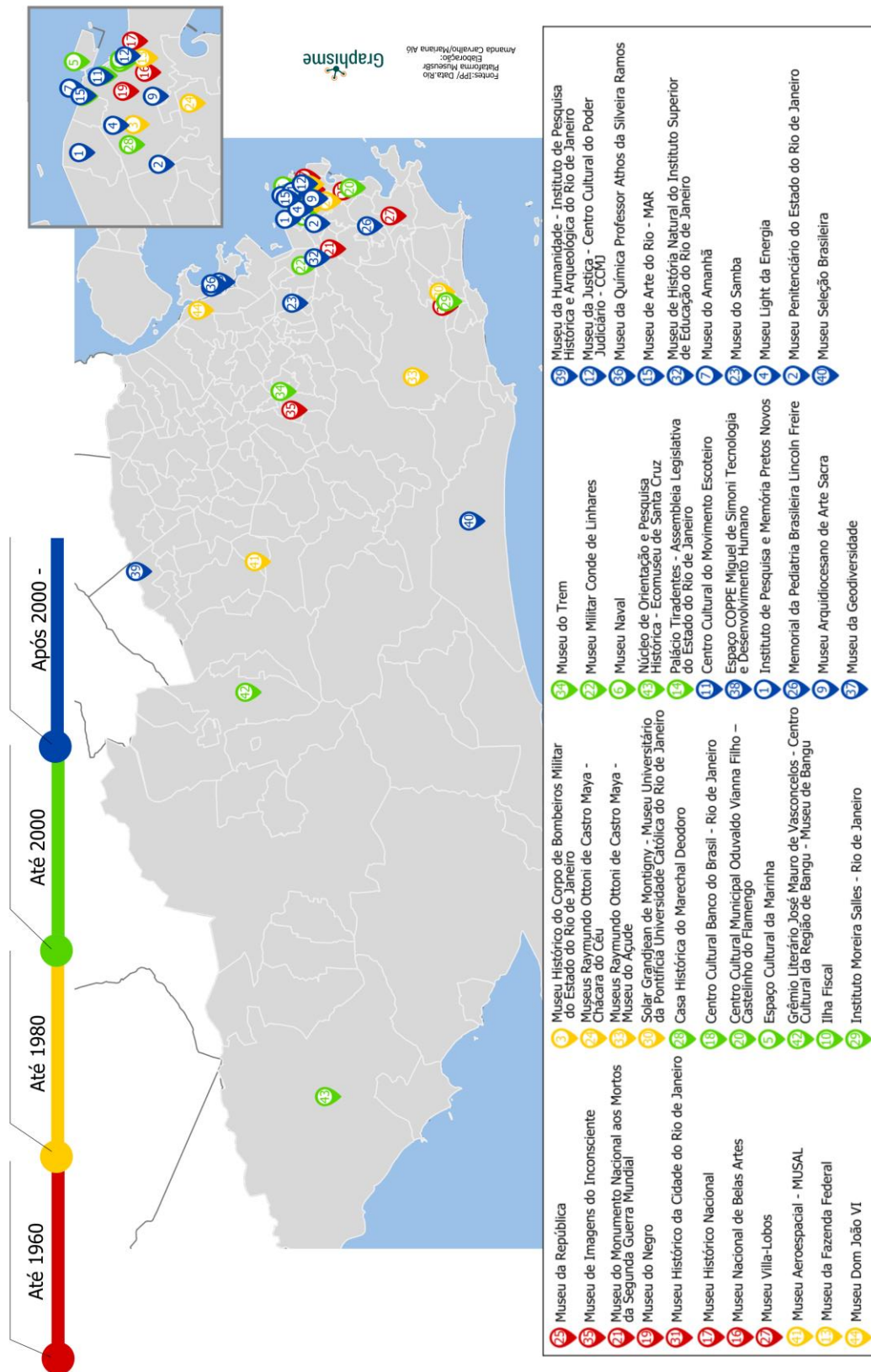
Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Inauguração dos Museus por período (Até 2000)



Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

Inauguração dos Museus por período (Após 2000 -)

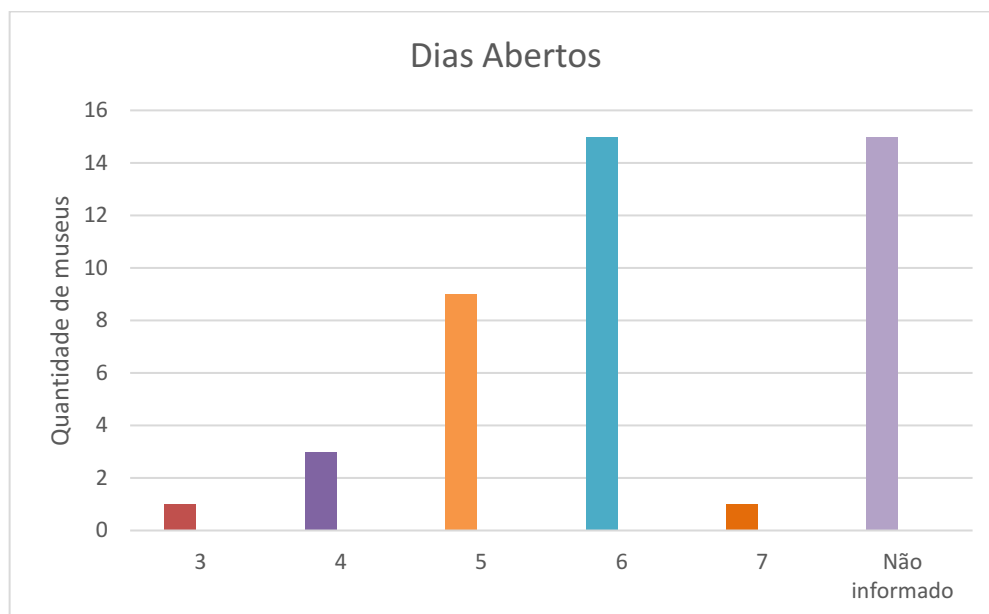


Organização e construção metodológica própria; Elaboração do mapa por Graphisme Soluções.

3.2 GRÁFICOS

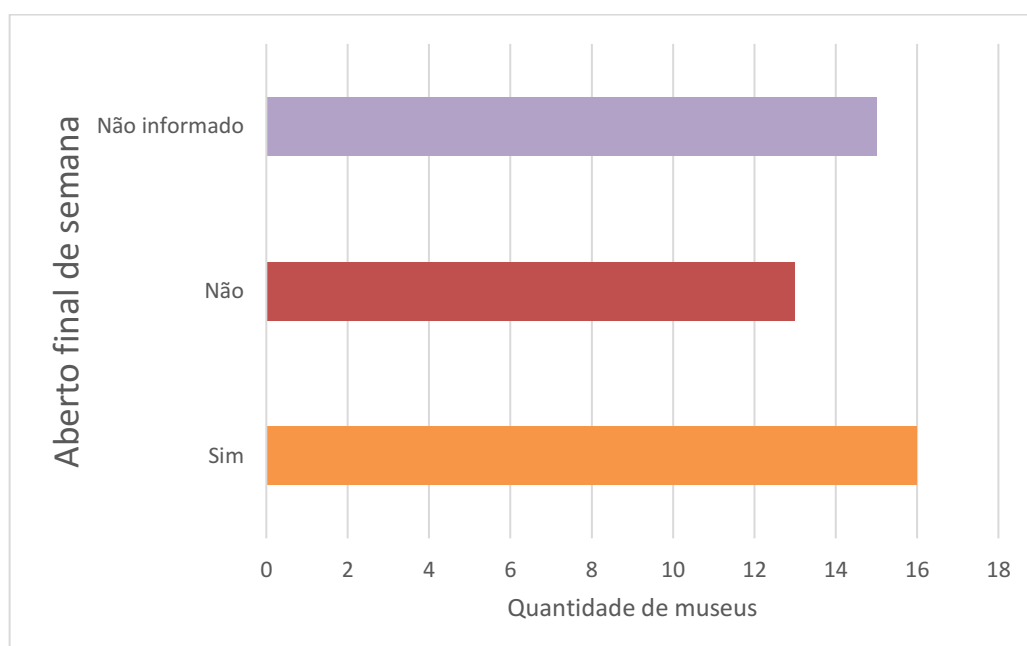
Os gráficos elaborados foram pensados como uma forma de contrapor e levar a pensar que novas informações, ideias ou questionamentos poderiam ser trazidos caso esses mesmos dados estivessem espacializados. Como as tabelas estão disponibilizadas, poderão ser utilizados para futuras construções.

Gráfico 1 – Dias abertos



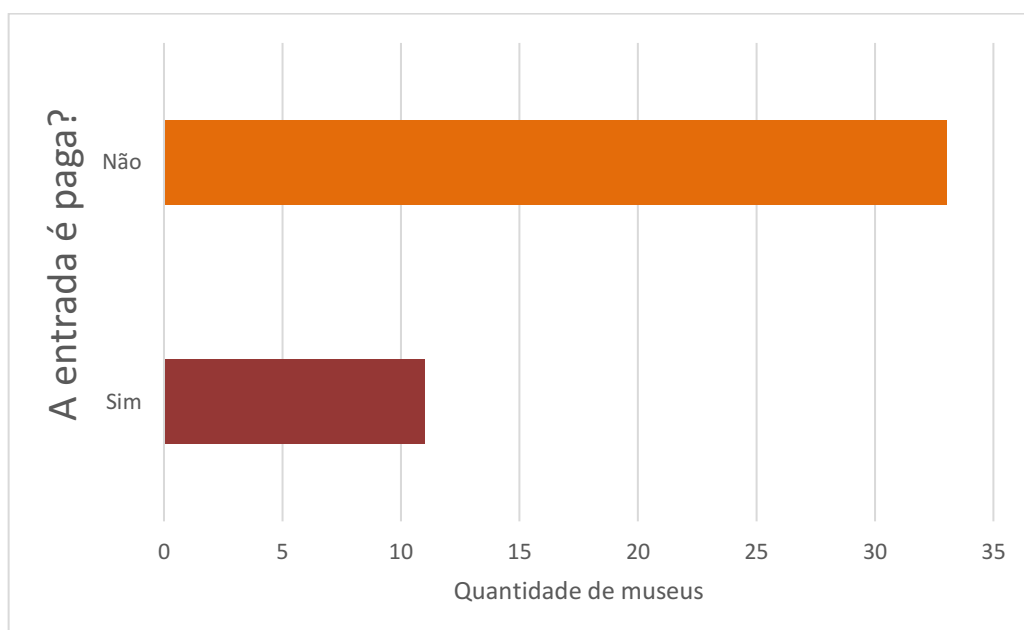
Organização e elaboração própria.

Gráfico 2 – Se abre final de semana



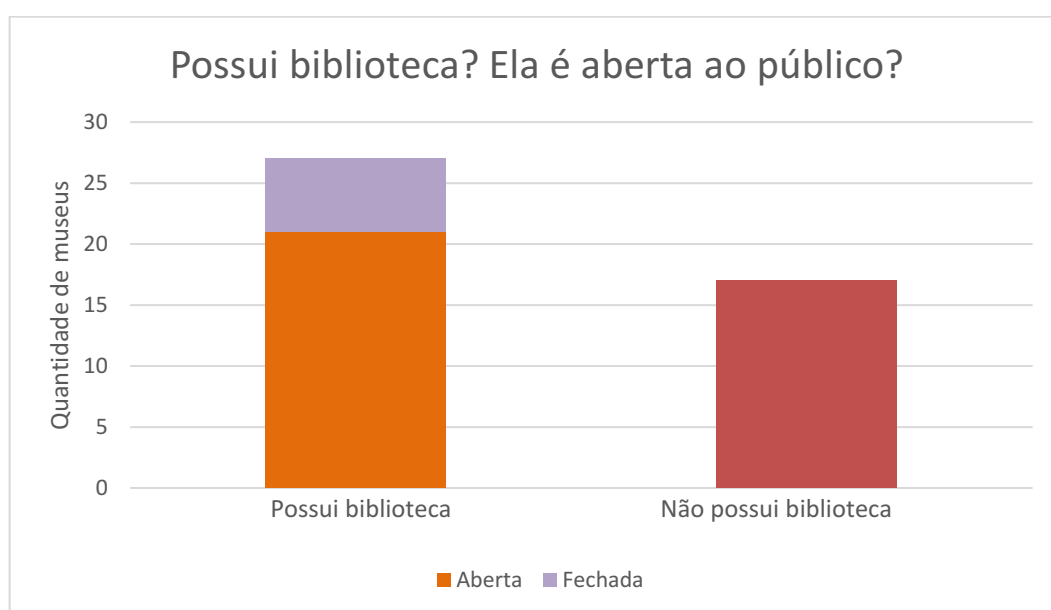
Organização e elaboração própria.

Gráfico 3 – Tipo de entrada



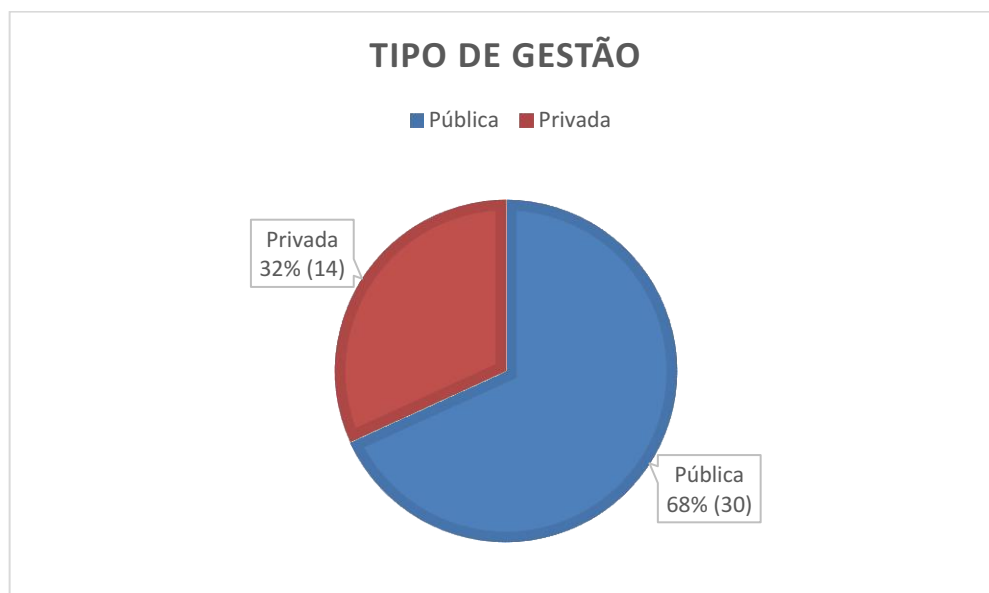
Organização e elaboração própria.

Gráfico 4 – Possui biblioteca e se ela é pública



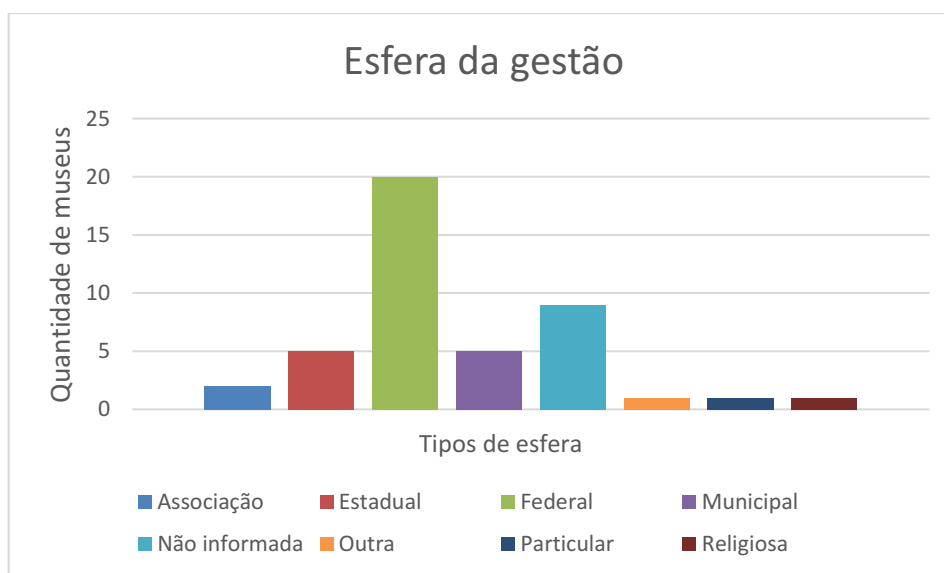
Organização e elaboração própria.

Gráfico 5 – Tipo de Gestão



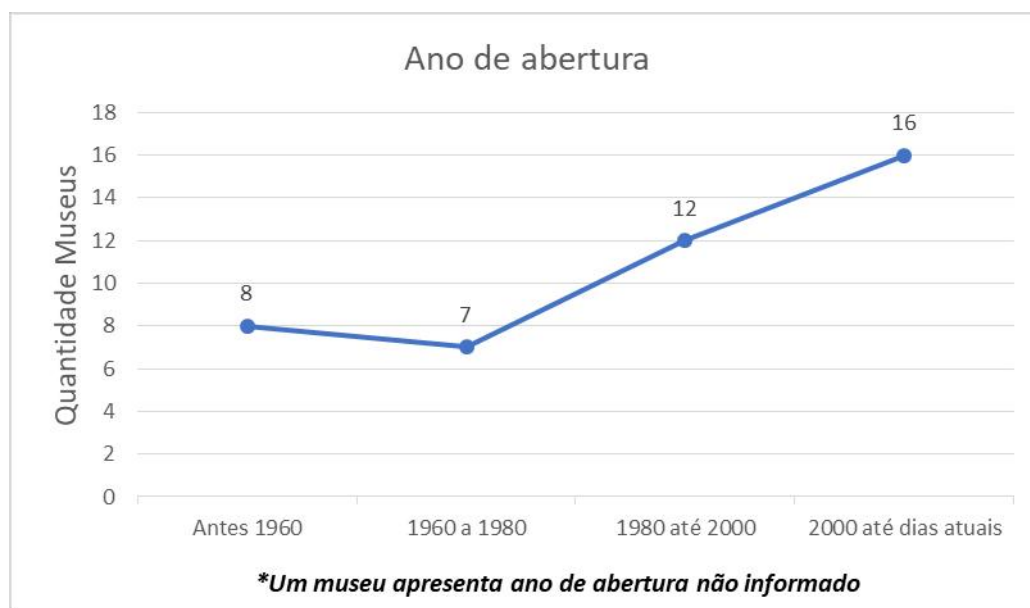
Organização e elaboração própria.

Gráfico 6 – Esfera da gestão



Organização e elaboração própria.

Gráfico 7 – Ano de abertura do Museu



Organização e elaboração própria. A Caixa Cultural não apresentou a informação de seu ano de abertura na plataforma MuseusBr.

3.3 TABELAS

As tabelas elaboradas também trazem informações com potencial espacial (excetuando-se a tabela 4).

Tabela 1 – Tempo de Abertura dos museus

Tempo de abertura de museus	
Média das horas	6,5
Mediana das horas	7
Moda das horas	7
Desvio Padrão médio	1,3

Tabela 2 – O Museu é comunitário ou não

É museu comunitário?	
Sim	5
Não	26
Não informado	13

Tabela 3

Possui atividade com a comunidade do entorno?	
Sim	4
Não	4
Não informado	36

Quadro 1 - Nome das instituições trabalhadas

Casa Histórica do Marechal Deodoro
Museu do Trem
Caixa Cultural Rio de Janeiro
Museu da Geodiversidade
Palácio Tiradentes - Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
Centro Cultural Banco do Brasil - Rio de Janeiro
Museu do Negro
Centro Cultural Municipal Oduvaldo Vianna Filho – Castelinho do Flamengo
Espaço COPPE Miguel de Simoni Tecnologia e Desenvolvimento Humano
Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos
Museu Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro
Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos - Centro Cultural da Região de Bangu - Museu de Bangu
Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica - Ecomuseu de Santa Cruz
Museu Histórico do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro
Museu da Química Professor Athos da Silveira Ramos
Museu de História Natural do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro - Sala Professor Adhemar da Costa
Museu Light da Energia
Espaço Cultural da Marinha
Museu Naval
Museu do Amanhã
Museu Dom João VI
Museu Arquidiocesano de Arte Sacra
Instituto Moreira Salles - Rio de Janeiro
Ilha Fiscal
Museu da Humanidade - Instituto de Pesquisa Histórica e Arqueológica do Rio de Janeiro
Museu do Samba
Solar Grandjean de Montigny - Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Memorial da Pediatria Brasileira Lincoln Freire
Museu Seleção Brasileira
Museu do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial
Museu Militar Conde de Linhares
Centro Cultural do Movimento Escoteiro

Quadro 1 - Nome das instituições trabalhadas

Museus Raymundo Ottoni de Castro Maya - Chácara do Céu

Museu da Justiça - Centro Cultural do Poder Judiciário - CCMJ

Museu de Imagens do Inconsciente

Museu Aeroespacial - MUSAL

Museu da Fazenda Federal

Museu da República

Museus Raymundo Ottoni de Castro Maya - Museu do Açude

Museu Villa-Lobos

Museu Histórico da Cidade do Rio de Janeiro

Museu de Arte do Rio - MAR

Museu Nacional de Belas Artes

Museu Histórico Nacional

O objetivo fim deste trabalho é a construção do atlas modelo, focando na discussão sobre a importância da espacialização de certas informações para dar mais robustez a certas análises, possibilitando novas formas de pensar políticas públicas ou até mesmo de questioná-las. Como, por exemplo, a espacialização dos museus pelos seus anos de abertura com conseqüente levantamento de questões, abre caminho para discussão de áreas de expansão de construção de museus, áreas que o surgimento deles está estagnado a períodos históricos.

Há centralidade na localização de museus, não é possível negar e é bem notável pelos mapas de calor e das anamorfozes. Mas quando poucos são os museus que iniciam trabalhos com a comunidade, que sua construção parte dos moradores locais, o espraiamento por espraiar não solucionaria as causas dos baixos índices de visitas de determinados museus. O fato de os museus e instituições superiores de ensino estarem concentrados em áreas próximas é uma conseqüência da construção desigual do espaço geográfico, mas também da relação entre produção e divulgação de conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido até aqui, devido a determinadas questões políticas e operacionais, possui certas limitações, como por exemplo o fato do Censo IBGE ser do ano de 2010, e os dados de filtro para os museus, relacionado ao formulário de visitação, ser de 2017. Durante essa quase uma década de diferença, o país passou por mudanças econ micas, políticas e sociais significativas que podem influenciar nas representa es obtidas. Entretanto, eram os dados oficialmente disponíveis para serem trabalhados.

As propostas metodológicas para a constru o dos mapas, porém, permanecem para utiliza o com dados atualizados quando estes forem obtidos. Seria interessante ver, por exemplo, os museus relacionados aos aspectos da violência do seu entorno, que   apontado como um fator para a não visita o desses espaços por entrevistados tanto no estudo de Museus e seus visitantes (K OPTCKE; CAZELLI; LIMA, 2008) como no de Damasceno (2008). Um exemplo disso   o mapa apresentado pelo jornal O Globo¹³, com dados de 2006 até 2016 por área de atua o de DP com a espacializa o da porcentagem de alguns crimes.

A partir do mapa de localiza o (Mapa 1) apresentado no atlas, já se nota que não apenas a distribu o dos museus (lembrando-se do recorte utilizado neste trabalho)   desigual, mas há uma estrutura urbana que tende a aumentar tal desigualdade. Também se coloca como questão se a própria a o de apenas abrir novos museus seria suficiente para aumentar o acesso de públicos a estas institui es, de reconstruir novos hábitos culturais entre a popula o. A presença de institutos de pesquisa e ensino aparece fortemente vinculada   constru o de museus, como podemos perceber pelo número de museus criados associados a departamentos da UFRJ nos últimos anos; e a partir da concentra o dos institutos superiores mapeados e sua concentra o paralela a de museus.

¹³ Ver O GLOBO, **Mapa dos crimes no Rio**. Disponível em: <https://infograficos.oglobo.globo.com/rio/consulte-os-indices-de-crimes-na-capital-por-dp.html#?GLBID=1beb92f4d0bfe176597e47704b9a1934332426966774239516c6a6332734a6c315f697542566774787a72756957796f66674b30413575613768425058376875336a734b4d6141735f646d6d4c44747146744c616c3944363342707479376244375f4f357372773d3d3a303a7269636f36312e616e746f6e696f>

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, Jorge Luiz. **O SIGNIFICADO DA MOBILIDADE NA CONSTRUÇÃO DEMOCRÁTICA DA CIDADE.** In: *Cidade e movimento : mobilidades e interações no desenvolvimento urbano* / organizadores: Renato Balbim, Cleandro Krause, Clarisse Cunha Linke. – Brasília : Ipea : ITDP, 2016. p. 43 a 56.

BERTI, Franciele; GEVEHR, Daniel Luciano. Patrimônio cultural, memória e museu: a geografia dos museus temáticos no espaço urbano de Gramado (Rio Grande do Sul, Brasil). **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S.l.], v. 3, dez. 2017. ISSN 2525-7870. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/445/277>. Acesso em: 20 jul. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.23899/relacult.v3i3.445>.

COORDENAÇÃO DE PESQUISA E INOVAÇÃO MUSEAL (CPIM). **Relatório final da pesquisa O “não público” dos museus:** levantamento estatístico sobre o “não ir” a museus no Distrito Federal. Departamento de Processos Museais (DEPMUS), Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), setembro de 2012. Disponível em <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/naopublico.pdf>. Acesso em agosto de 2020

SILVA, Laís Chaves Nogueira Da; SILVA, Christian Nunes Da. ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA E O USO DE ATLAS ESCOLARES NOS ANOS INICIAIS. **OKARA:** Geografia em debate, Paraíba, ano 1, v. 10, p. 208-225, 18 set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/okara/article/view/29770>. Acesso em: 29 ago. 2019.

COIMBRA, Carlos; CAZELLI, Sibebe; FALCÃO, Douglas; VALENTE, Maria Esther. Tipos de audiência segundo a autonomia sociocultural e sua utilidade em programas de divulgação. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, jan./mar., n. 188, p. 113-124, 2012.

DAMASCENO, Wagner Miqéias. **O lugar dos museus e o direito à cidade:** um estudo sobre espaço, tempo e trabalho. Acesso em 01/10/2020. Disponível em:

<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/6366>

DODD, Jocelyn; SANDELL, Richard; COLES, Alison; MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION (Grã-Bretanha). **Building bridges: guidance for museums and galleries on developing new audiences**. Londres: Museums & Galleries Commission, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Brasil). **Guia dos Museus Brasileiros**/Instituto Brasileiro de Museus. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.592 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Brasil). ReNIM. **Manual para extração de dados da plataforma MuseusBr** [S./I.], [201?]. Disponível em: <https://renim.museus.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/Manual-Extra%C3%A7%C3%A3o-de-dados-Museusbr.pdf> Acesso em: 07 jul. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Brasil). **Museus em Números**/Instituto Brasileiro de Museus Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.720 p.; vol. 2

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Brasil). ReNIM. **O que o museusBr oferece?**. [S. /I.], [201?]. Disponível em: <https://renim.museus.gov.br/museusbr/o-que-o-museus-br-oferece/> Acesso em: 15 out. 2019.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; CAZELLI, Sibebe; LIMA, José Matias de. **Museus e seus visitantes: relatório de pesquisa perfil-opinião 2005**. Brasília: Gráfica e Editora Brasil, 2008. Disponível em: http://www.fiocruz.br/omcc/media/5_relatorio_museu.pdf. Acesso em: 01 out. 2020.

KÖPTCKE, L. S. **Público, o X da questão? A construção de uma agenda de pesquisa sobre os estudos de público no Brasil**. *Museologia & Interdisciplinaridade-Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília* v.1, nº1, p. 209-235. jan/jul de 2012.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA (Brasil). IBGE. **O QUE É UM ATLAS?**. Rio de Janeiro, [20??]. Disponível em: <https://atlascolar.ibge.gov.br/conceitos-gerais/o-que-e-um-atlas-geografico>. Acesso em: 29 ago. 2019.

MOURA, Mariluce. **Universidades públicas respondem por mais de 95% da produção científica do Brasil**. Acesso em 01/10/2020. Disponível em: <http://www.abc.org.br/2019/04/15/universidades-publicas-respondem-por-mais-de-95-da-producao-cientifica-do-brasil/>

Museus RJ: um guia de memórias e afetividades / Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. – Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, 2013.

PAULA, L. M. **Museu de ciências: lugar do público! Um estudo de caso acerca do público espontâneo que visita um museu de ciências no Rio de Janeiro**. 2013. 91p. Dissertação (Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2013.

PEIXOTO, Danielle Faria. **Espaços do medo: a domesticidade da violência de gênero na cidade do Rio de Janeiro**, 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PEIXOTO, D. F. ; AMARAL, P. A. T. ; SILVA, M. S. . **Mulheres em situação de violência na cidade do Rio de Janeiro: identificação e análise dos padrões espaciais**. In: VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2016, Foz do Iguaçu. Anais do VII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Población e XX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2016.

PORTAL BRASILEIRO DE DADOS ABERTOS (Brasil). IBRAM. **Museusbr**. [S. /], 2018. Disponível em: <http://dados.gov.br/dataset/museus-br>. Acesso em: 15 out. 2019.

RENIM (Brasil). Mapas Culturais. **Mapas Culturais: Museus**. [S. /], [201?]. Disponível em: [http://museus.cultura.gov.br/busca/##\(global:\(enabled:\(space:!\)&filterEntity:spac](http://museus.cultura.gov.br/busca/##(global:(enabled:(space:!)&filterEntity:spac)

e)). Acesso em: 7 jul. 2019.

SCALON, Celi; SALATA, André. Uma nova classe média no Brasil da última década?: o debate a partir da perspectiva sociológica. **Soc. estado.**, Brasília , v. 27, n. 2, p. 387-407, Aug. 2012. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em 25 Set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922012000200009>.

VELASCO, Clara; MELO, Quésia; MUNIZ, Tácita; MARTINS, Valéria. Regiões Sul e Sudeste concentram quase 70% dos museus do país: 76,7% das cidades do Brasil não têm museu, segundo dados do Ibram. MA tem a maior taxa de habitantes por museu; RS, a menor.. **G1**, São Paulo, 1 jul. 2015. Educação, p. 1-1. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/07/regioes-sul-e-sudeste-concentram-quase-70-dos-museus-do-pais.html>. Acesso em: 7 set. 2019.

Vicente, Rafael da Ponta. **Mobilidade : a ordem espacial dos deslocamentos urbanos numa sociedade desigual** / Rafael da Ponta Vicente. - Presidente Prudente : [s.n], 2011.

VIRGÍLIO, Paulo. Estudo revela que Brasil tem mais de 3 mil museus: No início do século passado, o país tinha apenas 12 museus. **Exame**, Rio de Janeiro, 13 jul. 2011. Brasil, p. 1-1. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/estudo-revela-que-brasil-tem-mais-de-3-mil-museus/>. Acesso em: 7 set. 2019.